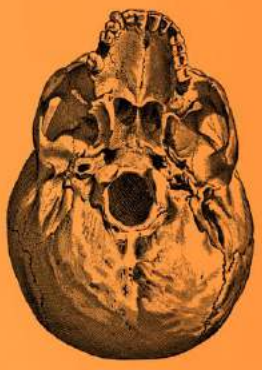
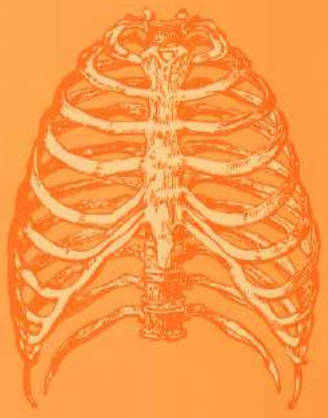
O LIVRO DOS MORTOS-VIVOS

CONTOS E POEMAS

ZUMBIS, VAMPIROS E OUTROS MONSTROS





ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais

2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

Tudo aconteceu de repente, por Allan Azevedo, pág. 05
A casa da porta vermelha, por César Allori, pág. 08
Ninguém te ouve, por Pimentiza, pág. 13
Eu, zumbi!, por Cleber Gimenes Freitas e Erica Ribeiro de Almeida, pág. 19
O iniciante, por Diego Ângelo Silveira, pág. 24
Ölümsüzlük, por Elias Roma Neto, pág. 29
A maldição do espantalho-messias, por Evelyn Mello e Hugo Brasarock, pág. 34
Sussurros do devorador, por Felipe L. Cavalcante, pág. 40
Terror na Praça Osório, por Fernando Antonio Prado Gimenez, pág. 42
O medalhão de Ukyara, por Gilson Salomão Pessôa, pág. 45
Contra os monstros, por Sir_lemonpie, pág. 51
Na Mikwot / O Dobrador do ar, por Jérémie Edouhou Nyoka, pág. 55
O prisioneiro dos sonhos, por Kátia Surreal, pág. 59
Um jantar em família, por Leony Pereira, pág. 64
Caos na missa, por Lucas Brasil S., pág. 70
O baital, por Ney Alencar, pág. 75
O figurino de Anúbis, por Ney Alencar, pág. 80
Bom demais para ser verdade, por Roberto Minadeo, pág. 86
Sakkaku, por Roberto Schima, pág. 92
A indigente do necrotério, por Vick F. Moravia, pág. 97
Conheça outros títulos da coleção, pág. 100

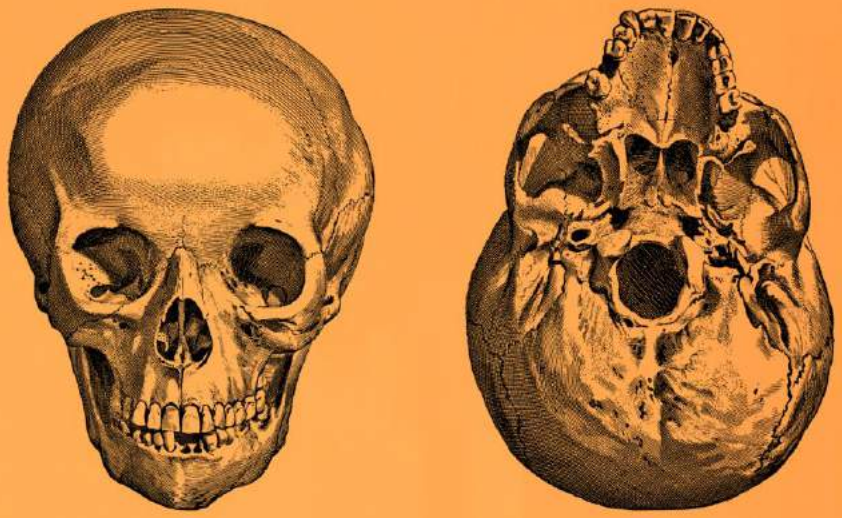
Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br
www.facebook.com/conexaoliteratura

“A doença de Lady Madeline vinha desafiando, por muito tempo, a habilidade dos médicos. Apatia permanente, progressivo enfraquecimento físico e crises frequentes, mas passageiras, caráter parcialmente cataléptico eram o diagnóstico incomum. Até então ela tinha resistido firmemente contra o avanço da doença, recusando-se a cair de cama, mas no final da tarde de minha chegada ela sucumbiu (como me contou o irmão, à noite, com indescritível agitação) ao poder destruidor do mal. E compreendi que a visão de relance de seu vulto seria provavelmente a última e que não veria mais a moça, pelo menos com vida.”

Trecho de *A queda da casa de Usher* - Edgar Allan Poe



APRESENTAMOS O CONTO

TUDO ACONTECEU DE REPENTE

Por Allan Azevedo

Sobre o autor: Carioca, morando na Serra Gaúcha. Fã incondicional de rock alternativo, filmes e livros. Nas horas vagas gosta de escrever contos de horror e fazer resenhas do que assiste e lê. Redator nos sites: Horrorizadas Podcast, República do Medo, Ficcioteca e Querido Clássico.
Nas redes sociais administra as contas do twitter @DarkPagesBooks que fala sobre literatura e @1MedoPorDia onde escreve sobre filmes e séries de horror e suspense. No Instagram administra a página @darkspages.

Estou sentado em nossa cadeira preferida embalando minha filha de quatro anos em meus braços, era tudo que eu podia fazer enquanto ouvia os gritos do lado de fora da casa. Eles ficavam cada vez mais altos, intercalados com sons de pancadas e vidros se quebrando. Mas o pior de tudo era o ruído úmido e o eco inconfundível de músculos e tendões se partindo à força e o som da carne lentamente sendo separada dos ossos e mastigada em seguida.

Tudo começou há apenas três dias. Algo aconteceu e antes mesmo de recebermos as notícias do que estava acontecendo, aparentemente metade do mundo se foi. A polícia e os militares se mostraram ineficazes em deter o surto, eram muitos e se multiplicavam a cada minuto. Como não havia alvo centralizado, não existia nenhuma maneira eficaz de exterminar aquela massa sem sermos atingidos pelo fogo ou a radiação. Seríamos exterminados juntamente com a praga. Eles se espalharam rapidamente pelo mundo, de onde quer que isso tenha começado. Agora já não importa mais saber quem, como ou onde. Eles estavam em toda a parte. Os que não eram completamente dilacerados nos ataques se tornaram como seus algozes, multiplicando de forma exponencial e contínua o exército de aberrações mortas-vivas.

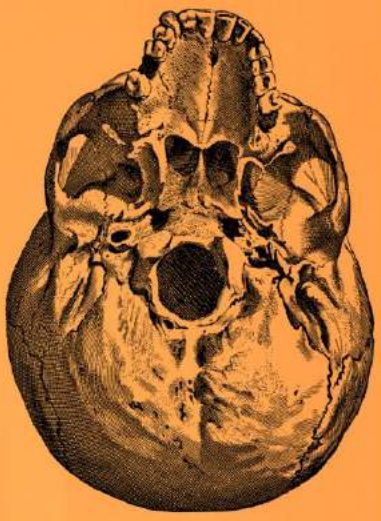
Eu ouço batidas na porta lá embaixo, os gritos de pessoas sendo massacradas continuam, sinceramente somos incapazes de montar uma resistência adequada contra tal força. Não demora muito para que as batidas dêem lugar a estilhaços e ao som de madeira se quebrando.

Eles estão na minha casa. Não mais do que um ou dois minutos se passarão antes que a porta do quarto começasse a estremecer. A barricada que fiz com a cômoda e a cama da minha filha ainda os estão segurando, por enquanto, mas eu sei, realisticamente, que eles vão conseguir passar a qualquer momento..

Eu continuei balançando minha filha, comecei a cantar uma canção de ninar em seu ouvido tentando acalmá-la, não funciona tanto já que os gritos e pancadas na porta são cada vez mais insistentes e altos. Ela chora desesperadamente. As batidas continuam a crescer em força e volume, a porta começa a rachar. Eu levantei minha filhinha no ar e olhei em seus olhos, ela chorava copiosamente. Retornei-a com carinho para o meu colo, só que dessa vez de costas para o meu peito e acariciei sua cabeça com as duas mãos, do topo do couro cabeludo até as orelhas, assim como faço desde que ela era um bebê. Do jeito que ela adora. O efeito é instantâneo. Seu choro desesperado se acalma em uma série de soluços em sequência, seu pequeno corpo começa a estremecer contra o meu

medo. Eu continuo cantarolando para ela, acalmando com carícias em seu cabelo, tentando agir de forma a mostrar que estava tudo bem. Impossível. Mas eu tentava.

De forma agonizante e lenta, em uma cadência reversa ao som de madeira da porta sendo estilhaçada, ela se acalma. Eu posso sentir quando ela começa a ficar menos tensa. Continuo acariciando suas têmporas com as palmas das mãos. Um soluço final e ela fica quieta, seu corpo relaxado. Ela nem mesmo tem tempo de perceber o que está acontecendo enquanto eu torço seu pescoço com um puxão violento, o movimento brusco veio acompanhado por um estalo seco de um som que me doeu na alma. Ela está morta antes mesmo de cair no meu colo. A porta está cedendo, os móveis empurrados para trás. Posso ser dilacerado membro por membro enquanto grito, mas pelo menos meu anjo bebê está a salvo destas criaturas abomináveis que vieram nos levar.



APRESENTAMOS O CONTO

A CASA DA PORTA VERMELHA

Por César Allori

Sobre o autor: César Allori é um escritor e tradutor independente formado em LETRAS - Inglês pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) que está atualmente cursando seu mestrado em Literaturas de Língua Inglesa com foco em Poéticas da Modernidade. Seu projeto atual intitula-se Narrativa e Videogame: Dragon Age e As Crônicas de Gelo e Fogo. Além disso, César também têm um canal do youtube chamado Guardião Cinzento, onde discute a série de jogos Dragon Age.

A noite fedia a cerveja, suor e mijo. Uma combinação nada encantadora, mas ele já estava acostumado. Passara tempo demais andando por lugares como aquele para se importar. A cada esquina ele passava por um bar diferente, com mesas de plástico postas até a rua, cada qual lotada com pessoas e seus copos. Eles riam, conversavam, bebiam, e quando pensavam que ninguém os podia ver, iam até a esquina tirar a água do joelho. Humanos.

Para ser sincero, ele os invejava. Eles podiam feder, ser mais barulhentos que uma horda de *ressurgidos*, e na maior das chances pelo menos metade deles acabariam a noite com respingos de vômito no queixo, mas ainda assim, ele os invejava. Eles sentiam. Eles vivenciavam. Eles aproveitavam. Eles...

Quanto ao famoso Dente Dourado, ele apenas vagava de rua em rua, procurando a famosa casa da porta vermelha. A princípio, Dente não entendia porque os jornais nada falavam sobre os acontecimentos daquele bairro. Seis pessoas desaparecidas em menos de um mês. Todos estavam aparentemente bem antes de sumirem. Todos disseram a seus entes queridos que precisavam ir até a casa da porta vermelha.

Nenhuma das pessoas com as quais ele conversara sabiam onde tal casa deveria ficar, porém. Alguns imaginaram se não era uma loja, outros diziam que não existia, e alguns, os mais fanáticos, acreditavam que era um portal para o inferno, e que os desaparecidos eram todos pecadores da pior laia. Se ao menos eles soubessem com quem, ou melhor, com o que estavam falando.

O Dente Dourado tornara-se uma espécie de lenda entre a sociedade noturna de Belo Horizonte. E porque não? Ele era poderoso. Ele era carismático. Ele era inteligente. Bom, mais inteligente do que os outros de sua idade. E o mais importante, ele era o único vampiro da cidade a ter uma bela presa feita de ouro puro. A presa esquerda, para ser mais específico. Toda vez que o perguntavam como ele conseguira tirar o próprio dente, ele apenas sorria, deixando a mostra seu orgulho.

A verdade, porém, era outra. Para seus compatriotas noturnos, Dente sempre fora um dos vampiros mais poderosos a vagar por aquela cidade, mas em sua própria mente, e especialmente em momentos como aquele, quando estava cercado de tanta... Vida... Dente se sentia uma centena de coisas, mas não poderoso. Já faziam tantos anos. Tantas décadas. Mais de dois séculos. Dente fora transformado há tanto tempo atrás, que não conseguia sequer se lembrar como era sentir. Como era viver. A pior parte era que ele

ainda tinha a capacidade de experimentar o mundo. O ar frio da noite. O cheiro forte do álcool. O som das pessoas. O esplendor do céu estrelado. Eles estavam todos lá. Lembretes constantes do que Dente nunca mais poderia ter. Ele os conhecia, sim, mas era tudo vazio. Nulo. Como se não passassem de ideias fracas em sua mente.

Ele as vezes sequer se lembrava de seu nome real. Não importava. Aqui e agora, ele era o Dente Dourado. E no aqui e agora, o Dente Dourado tinha trabalho a fazer.

A noite ainda era jovem, portanto ele não se preocupara com o tempo. Mesmo que não a encontrasse naquela noite, ele poderia voltar de novo e de novo. Tempo nunca fora um problema para alguém como ele. Para aqueles que tinham todo o tempo do mundo. E ainda assim, haviam pessoas desaparecidas. Uma parte dele não se importava. Eram humanos. Nada mais. E ainda assim, Dente sabia que não podia desistir. Ajudá-los era uma das poucas coisas que o mantinham são. Que o mantinham levemente humano. Sua chamada “humanidade” podia não passar de uma piada de mal gosto, mas era melhor que a alternativa.

O Dente Dourado ouviu a besta rosnar dentro de si, acompanhada do único aroma que era capaz de atiça-la. Não demorou muito para encontrar a fonte.

Era uma casa antiga da época colonial. Tinha dois andares, e a pintura estava tão desgastada que não era mais possível dizer qual fora sua cor original. Nem mesmo para alguém como ele. Parte do teto tinha desabado, espalhando-se pelo segundo andar assim como pelo terreno baldio que a cercava. A porta era a única coisa que parecia nova. Nova em folha, na verdade.

Não havia maneira de ter certeza, mas não parecia que ela fora simplesmente pintada. De alguma forma, aquilo parecia ser feito algum tipo medonho de madeira escarlate. Se aproximando dela, Dente podia sentir o cheiro de sangue. A besta dentro dele estremeceu com o odor, e agora suas suspeitas se concretizavam. Havia alguém como ele por trás daqueles desaparecimentos.

E ainda assim... Algo estava errado. Dente já enfrentara um número de vampiros antes. Cada um era único, a sua própria maneira. O Sangue os definia em suas particularidades. Alguns se pareciam com humanos normais, como ele, mas tinham habilidades sobre-humanas. Força ou reflexos ampliados. Controle de animais e humanos. Outros podiam manipular o sangue dentro de seus corpos e, mais terrivelmente, o de

outros. Alguns se transformavam em bestas estranhas, com características selvagens e horrendas. Ainda assim, todos tinham uma coisa em comum. Seus covis, não importava se era uma cobertura em um bairro nobre, um esconderijo na favela, ou uma caverna na serra, sempre davam a impressão de afastar invasores. Era como se a presença dos seres da noite impregnasse o local, e afugentasse possíveis investigadores.

A casa da porta vermelha era diferente.

A casa da porta vermelha era pouco mais que uma ruína, há muito abandonada. A luz da lua, ela era a imagem perfeita da casa mal assombrada. E mesmo assim, ela parecia convidá-lo a entrar. Como se uma voz sussurrasse suavemente em seus ouvidos: "*Venha. Entre. Você tem que entrar. Como não?"*

E então, o Dente Dourado abriu a porta. Como não?

Ficara imediatamente óbvio que algo fora do comum estava acontecendo ali, mesmo para um vampiro. Dente esperara uma briga. Esperara encontrar os corpos drenados das vítimas e alguém como ele em cima delas. O que encontrara, porém, fora uma casa que era diferente por dentro do que era por fora. Por fora, a casa da porta vermelha era uma ruína. Por dentro, era o inferno na terra.

A frente dele estava um grande salão, decorado do chão ao teto com as mais variadas formas de arte. Estátuas de homens e mulheres cercavam as paredes, enquanto um grosso carpete rubro cobria o chão. Onde deveriam estar as janelas, grossas cortinas de veludo com enfeites dourados protegiam o segredo daquele lugar miserável. No centro do salão, uma longa mesa de jantar estava posta com um enorme banquete. Acima dela brilhava um grande lustre enfeitado com uma dúzia de diamantes, iluminando as seis pessoas que se serviam da comida. À primeira vista, Dente ficara confuso, mas logo as imagens mudaram, como borrões, elas se misturaram e se fundiram, desafiando a lógica e a realidade, a um ponto que deixara de fazer sentido, mesmo para a mente de um imortal.

As paredes, o chão, e o teto, mostraram-se ser carne viva. Pulsante. Úmida. Sangrenta. Dente pôde sentir o cheiro. Sua boca salivando. Os sentimentos que há tanto perdera. Aquele lugar era cheio daquilo que todos os vampiros almejavam, mais do que tudo.

Não sangue. Vida.

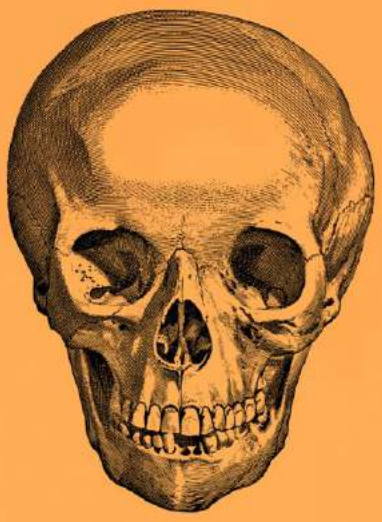
As figuras que ali sentavam-se também mudaram. Suas roupas se esvaíram, revelando os corpos inchados e doentios que haviam se tornado. Onde uma vez houvera uma dúzia de diamantes pendurados em um lustre, agora haviam olhos. Mesmo aquela distância, Dente podia ver o pavor absoluto que havia neles. Onde uma vez houveram pessoas comuns sentadas a mesa, servindo seus pratos com as mais variadas comidas e bebidas, agora haviam seis corpos, suas carnes tão expostas quanto aquela que rodeava o aposento. O que eles serviam em seus pratos não era comida, mas suas próprias peles, esticadas e costuradas juntas para formar uma grande toalha de mesa. Aqui e ali, pedaços faltavam, onde um deles havia cortado um pedaço. Quando Dente abriu a porta, todos se viraram para ele, revelando seus rostos sorridentes enquanto mastigavam. Seus olhos haviam sido arrancados, e saindo das órbitas vazias estavam tubos, similares a cordões umbilicais, que se conectavam ao chão; a parede; a mesa; ao teto; a toda a casa.

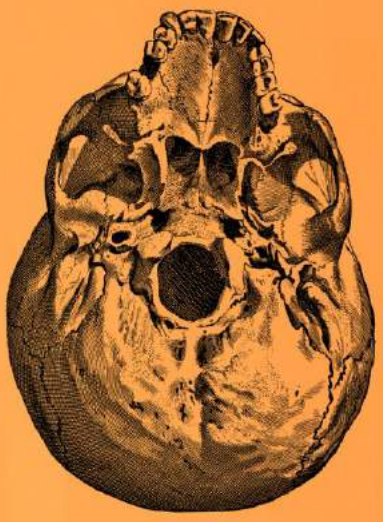
Ele pôde ver o sangue correndo dentro deles. Podia cheirá-lo correndo daquelas pobres almas para o aposento em torno delas. Podia sentir o êxtase que emanava de cada centímetro daquele lugar amaldiçoado. E quando os sussurros em sua mente voltaram, não era apenas uma voz se dirigindo a ele. Eram milhares. Milhões. Mais vozes do que ele poderia contar, mesmo com todo o tempo do mundo.

“Venha. Entre. Você tem que entrar, criança da noite. Junte-se ao nosso maravilhoso banquete. Como não?”

Pela primeira vez em mais de duzentos anos, o famoso Dente Dourado sentira algo. Pela primeira vez em todo aquele tempo, desde que adotara sua nova forma, ele finalmente voltara a conhecer o sentimento mais humano de todos. Medo.

E então ele entrou. Como não?





APRESENTAMOS O POEMA

NINGUÉM TE OUVE

Por Pimentiza

Sobre a autora: Cíntia é estudante de biblioteconomia na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Autora iniciante tratando-se de publicações, porém é apaixonada por escrita desde seus seis anos, com sua mãe não só aprendeu a ler e escrever, mas passou a sentir a importância da escrita no mundo. Atualmente, a escrita é seu refúgio, além disso, possui Instagram, Pimentiza, no qual publica pequenos poemas na esperança de instigar a leitura nas pessoas.

Adoro esse silêncio.
Um dos motivos de ter me mudado para cá
foi o clima sóbrio que me acalanta no anoitecer.
Não há gritos de vizinhos [até porque não há vizinhos],
não há ronco de motores [até porque não há estradas],
não há urros de bichos [no máximo grilos e corujas].
Eu estava precisando mesmo disso.
Parece-me que as palavras agora saltam
quando sento na escrivaninha para escrever.
Parece-me que o ritmo frenético da cidade
era o grande responsável pelo meu bloqueio.
Página quarenta.
Hoje consegui escrever bastante.
Não tivesse sido o vazamento do banheiro, tinha escrito mais.
Mas não dava para suportar aquele cheiro.
Não sei bem de onde vinha, mas pelo menos passou depois de uma boa limpeza.
Acho que já chega por hoje.
Preciso de um banho, um chá, uma cama.
Não uma cama, minha cama.
Confortável, macia, lençóis brancos…
Muitos hotéis não são dignos dessa cama.
A cama. A porta. O corredor.
Uma poça d'água no corredor?
Preciso descobrir de onde vem esse vazamento.
Pensei que tinha resolvido….
Essa está um pouco mais turva do que a do banheiro.
Mas estou tão sem energia para limpar agora…
Vou fechar a porta. Isso! Vou fechar a porta.
Assim o cheiro não entra, e amanhã vejo o que faço com essa água turva.
Quando fecho a porta, uma aranha.
Afasto a aranha, e voltam duas.
Afasto as duas, e voltam quatro.
De onde estão vindo tantas?

Começo a sentir um incômodo nos pés e nas mãos.
Quando olho, estão tomados de aranhas.
Eu conheço essa sensação…
Não sabia que aranhas podiam me deixar dormente!
Preciso correr daqui.
Arranjar uma solução.
Abro a porta, enquanto me estapeio,
tentando me livrar das aranhas [que parecem nunca ir embora! quantas são?],
escorrego na água turva do corredor,
no desespero em me livrar daquela sensação.
Quanto mais passos corro, mais distante me parece essa porta…
Essa casa não era tão grande assim!
Lembro de entrar correndo e gritando no jardim.
E lembro de acordar deitado no jardim.
Um pesadelo…
Nossa, quanto tempo faz que tive um pesadelo?
E como vim parar aqui?
Quase não tenho energias para levantar…
Acho que o pesadelo me tirou as forças.
A porta. A sala. O corredor.
Espere… cadê o vazamento?
Podia jurar que ontem à noite havia um vazamento aqui…
A porta. O quarto. A escrivaninha.
Espere… onde estão as páginas que escrevi ontem?
E conheço esse cheiro…

Refazer o trabalho?
Nunca que o que escrevi hoje foi igual ao que escrevi ontem.
Nem lembro mais o que escrevi ontem.
Trinta páginas.
Podia ter sido melhor.
O cheiro está bem mais forte… nossa…
Procurei o dia todo por esse vazamento e não achei…

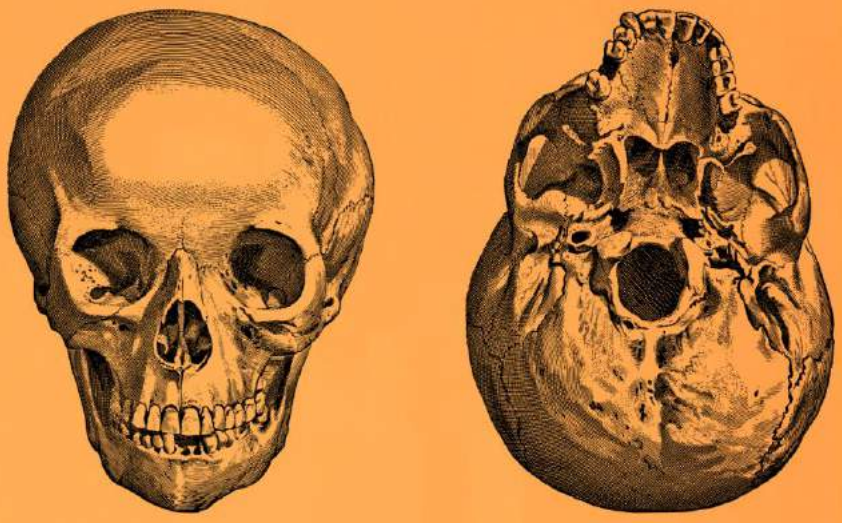
Queria ligar para um amigo.
Estou cansado, com sono, mas não quero ir para a cama.
Hoje deixo as luzes acesas.
Essa fraqueza… será que é fome?
Mas acabei de comer!
A porta. O corredor. A cozinha.
Uma poça d'água embaixo da pia…
Nossa, mas que água fétida!
E bem mais turva!
De onde vem?
Preciso chamar alguém para consertar isso…
Sem forças.... Estou sem forças.
A cadeira. A mesa. Um cachorro.
Um cachorro?
Preciso correr daqui.
Arranjar uma solução
[de onde veio esse cachorro? quem deixa um cachorro desse tamanho solto por aí?].
Escorrego na água ainda mais turva da cozinha,
no desespero em me livrar daquela situação.
A porta parecia ainda mais distante do que na noite anterior…
Parece que já corri quilômetros!
Lembro de sair gritando e correndo da casa.
Mas o cachorro me alcançou logo depois e mordeu meus pés.
Acordo deitado na varanda.
Olho para a porta já sabendo o que vou encontrar.
Meu Deus… estou perdendo a sanidade?
Onde está o ferimento feito pelo cachorro?
Outro pesadelo?
Hoje estou ainda mais cansado que ontem.
Meus pés doem. Minhas mãos doem. Um torcicolo.
A porta. A sala. A cozinha.
Que surpresa… sonhei com o vazamento também…
O corredor. O quarto. A escrivaninha.

Mais um dia perdido.
Não estou entendendo mais nada…
Preciso dessas páginas.
Dois dias, nenhuma página.
Preciso escrever… Meu Deus, o que eu faço?
E esse cheiro que não passa…

Dez páginas.
Estou minguando.
Dez páginas.
Mais um dia cansado, abatido, sugado.
Tudo o que eu quero é ir para a minha cama.
Não, não vou apagar as luzes.
Não, não vou nem tentar descobrir de onde vem esse cheiro.
Me deixe aqui deitado.
A escrivaninha. O chão. Uma poça de água turva.
Turva? Está vermelha!
Mas não consigo enxergar direito.
O que está acontecendo?
Não consigo mexer nem meus pés, nem meus braços…
O frio percorre meu corpo
Que dor no pescoço…
Acordo! Demoro a acreditar no que vejo.
Uma mulher horrenda, pálida como meus lençóis,
suava e chorava sangue.
Seus cabelos longos enxarcados com uma água fétida que pingava no chão do quarto,
e seus dentes fincados no meu pescoço!
O suor dela é meu sangue.
As lágrimas dela são meu sangue.
O que ela está tentando tirar de mim?
Meu sangue? Minhas palavras? Meus pensamentos?
Vou gritar!
E, conhecendo meus pensamentos,

ela interrompe alguns segundos seu ritual para me dizer:

- Pode gritar. Ninguém te ouve!



APRESENTAMOS O POEMA

EU, ZUMBI!

Por Cleber Gimenes Freitas e Erica Ribeiro de Almeida

SOBRE OS AUTORES:

CLEBER GIMENES FREITAS
É graduado em Letras e Filosofia e pós-graduado em Educação Especial na área de Altas Habilidades/Superdotação. Atualmente é professor de Língua Portuguesa na rede municipal de São Paulo. Leitor de Poe, Lovecraft, Wells, Doyle... Participou de algumas antologias de contos e poemas. Gosta de escrever terror (com uma pitada de humor), mas também se dedica ao universo infantil.

ERICA RIBEIRO DE ALMEIDA
Possui formação em Canto Técnico pelo Conservatório Dramático Musical de São Miguel - Oreste Sinatra, graduação em Educação Artística e pós-graduação em História das Artes e Arte Educação. Atualmente é professora de Arte na rede municipal de São Paulo. Leitora de Neil Gaiman, Poe, Lovecraft, Stephen King e terrores afins, participou de algumas antologias de contos.

Acordei, mas só vi escuridão.
Tentei me mexer. Estava confinado.
Então entendi a minha situação:
Eu estava morto e bem enterrado!

Confesso que essa constatação
me deixou muito magoado.
Só podia ser uma armação!
Logo eu, um rapaz tão educado?

Resolvi cavar com a mão
e não tive um bom resultado.
Esmurrei a tampa do caixão,
mas continuei sepultado.

Sem celular e sem televisão,
fiquei bastante entediado.
Aí resolvi dar um chutão
e foi terra para todo lado.

Aos poucos fui brotando do chão,
escalando minha cruz com cuidado.
Era o cemitério da Consolação
e tudo parecia abandonado.

Desembaçando a minha visão,

fui notando o meu estado:

Ossos, trapos e podridão...

Nem sinal do corpão marombado.

Lembrei-me dos dias verão...

Muito tempo já havia passado.

As garotas me chamavam de gatão.

Agora, zumbi seria o mais adequado.

Pensei em como tudo era vão

e no meu destino amaldiçoado:

Condenado a apodrecer na solidão.

Me achei o maior azarado...

De repente, eu senti um puxão:

Meu pé estava sendo agarrado.

Ela saiu da outra cova e, não!

Não tive medo, eu fiquei gamado.

Feliz, como nunca havia estado,

fui tomado por grande emoção:

eu notei que também era amado

e parecia bater o meu coração.

Resolvemos explorar a região,

com o nosso andar arrastado.

Entramos na biblioteca e, então,
um livro pegamos emprestado.

Mas cada letra era um borrão
para nossos olhos deteriorados.
Saímos, com fome e frustação,
da Mário de Andrade apressados.

Conduzi meu amor pela mão,
como um paulistano desvairado,
procurando por alguma refeição,
uma pizza ou um dog prensado.

No Shopping Light, pelo porão,
entramos sem sermos notados
e na praça de alimentação,
nossos instintos foram revelados.

Com voracidade, engoli um dogão.
No mesmo instante, fiquei enjoado.
Aquele treco me deu indigestão
e pus tudo para fora, enojado.

Foi então que eu caí na razão,
vendo a minha amada do lado,
sugando o cérebro de um cidadão
e sem pena do pobre coitado.

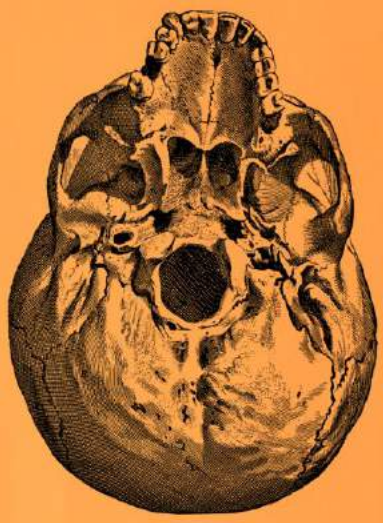
Decidi imitar aquela ação,
atacando um rapaz desavisado.
No crânio, deixei apenas um vão,
mas nada de eu ficar saciado.

Depois dessa revelação,
com os instintos mais apurados,
compreendi a nossa condição,
de mortos-vivos, de despertados.

Na República, comemos um artesão;
No Municipal, nós fomos vaiados;
No Chá, um prefeito garotão;
Na Liberdade, miolos crus degustados!

Voltamos para a Sé de busão
com todo mundo aglomerado.
Ali dentro me passaram a mão,
aproveitamos e jantamos o tarado.

Enfim, selamos a nossa união
e seguimos como bons namorados,
comendo cérebros pelo centrão,
dois famintos e apaixonados!



APRESENTAMOS O CONTO

O INICIANTE

Por Diego Ângelo Silveira

Sobre o autor: Durante a adolescência, Diego editava fitas VHS de ação e horror para poder criar suas próprias histórias. Cada pequena edição criava um universo de novas possibilidades e ele percebeu que era isso que amava. Hoje, trabalhando com cinema e TV, já não consegue viver sem contar histórias. E quanto mais sombrias, melhor.

Vermes brancos caíam por toda a rua, criando um pavoroso caminho de migalhas da minha corrupção. Não deveria ter colocado diretamente no bolso de minha jaqueta negra preferida a mão dilacerada, isto sim foi uma má ideia. Será que o taxista sentiu o cheiro de carne apodrecida? Ele me observava desconfiado pelo retrovisor, mexia muito no nariz e olhava ansioso para os lados. Eu evitei fazer qualquer tipo de contato com ele durante o trajeto.

Havia entrado no taxi cambaleante, como se casualmente houvesse acabado de deixar meus amigos no bar. O meu jeito de andar trôpego certamente sugeria que eu havia tomado várias. Qualquer um ficaria sem forças ou equilíbrio após ver todos os seus amigos caídos ao chão banhados em sangue, em um tipo de jantar macabro onde se foi servido cérebro, tripas e outros órgãos vitais.

Um delírio que agora parece distante, mas que no momento a adrenalina tornava mais vívida a percepção da torpe ganancia de se saciar uma fome sem fim. A fome daquela criatura que roncava e esganiçava grunhidos guturais, que buscava sair de sua existência unicamente mastigando carne infinitamente. Esta horrível criatura, um erro fatal que deveria ter sido mantido em silêncio desde o princípio como mandam os ensinamentos e cujo aos quais, por vaidade, não quis escutar. Enquanto andava desnorteado pelas ruas eu certamente deveria estar pálido, com um rosto marcado pelo assombro deste gesto errôneo que jamais esquecerei.

Assim que respirei o ar noturno, tentei limpar em vão parte do sangue que fora espirrado em meu casaco durante o inferno que foram aqueles breves minutos onde meus amigos, por simples joça, resolveram desamarrar minha criação para testar seus reflexos. Eu estava de costas, desatento, escolhendo uma trilha sonora ideal de horror no laptop para criar atmosfera. Tudo ocorreu bem rápido. Um reanimado costuma ter reflexos tais quais a de um animal, farejando pela mínima oportunidade para poder avançar selvagemente e abocanhar um pedaço de carne que esteja mais próxima às suas presas.

Uma mão foi o suficiente. Ao deixá-la livre, o impulso animalesco assustou a presa o suficiente para que seu braço se pusesse a disposição da besta. A primeira mordida e o profundo grito de dor de meu amigo foram bem marcantes. A carne saía do osso com dificuldade, pois os tendões e cartilagens não permitiam que o processo fosse simples, obrigando a criatura a morder mais forte e mastigar mais intensamente, para que o osso fosse roído por completo.

Foi o suficiente para este meu pobre amigo desmaiar e cair de joelhos no colo do reanimado. Os meus outros dois amigos que até então encontravam-se rindo, fumando e bebendo suas cervejas, entretendo-se como se o corpo apodrecido de um ser humano desconhecido atado a uma cadeira fosse considerado suficiente diversão para a noite de um fim de semana. Mas a partir daquele momento não conseguiriam mais se divertir.

Após a mordida inicial e o desmaio, os dois largaram seus vícios ao chão e rapidamente grudaram na parede ao fundo, como se magicamente pudessem atravessar materiais sólidos como tijolos e cimento para fugir daquele inferno em que inesperadamente se encontravam.

Naquele momento eu mantive a calma. Escutei o som tocando as primeiras notas de contrabaixo de *Bela Lugosi's Dead*. Não era a primeira vez que via um reanimado se alimentar tão vorazmente de um ser humano vivo, e todos seus maneirismos e horrores revoltantes não apresentavam para mim nenhuma novidade. Mas certamente fui pego de surpresa pela estupidez de meus amigos, o que me fez esquecer as palavras certas do feitiço para esvaziar o casulo carnal da criatura e poupar mais estragos para o resto da noite. Eu tinha de pegar o *Ghāyat al-Ḥakīm,* livro ocultista que mantinha dentro do armário no outro lado da sala.

Os gritos de desespero das duas almas assustadas no canto da sala enfureciam ainda mais a criatura, que por vezes pausava para observá-los enquanto que aos poucos abria buracos no crânio de sua primeira vítima. Me utilizei da distração para lentamente caminhar por detrás do amaldiçoado, evitando fazer barulho com meus passos.

Assim que estava por abrir o armário, um de meus amigos reagiu. Talvez por impulso ou estupidez, resolveu tentar remover o corpo já parcialmente devorado para que a vítima obtivesse algum tipo de piedade.

Foi o suficiente para energizar a ira do reanimado ao ponto de que este quis finalmente livrar-se de suas amarras e deixar-se guiar caoticamente por sua fome abismal. Ela grunhia ferozmente, espirrando de sua boca o sangue reminiscente de nosso amigo. Em um de seus impulsos, sua outra mão, já em um processo de apodrecimento avançado, se rasgou o libertando, porém não completamente.

Caiu de joelhos ainda preso pelos pés à cadeira. Mas a inércia da queda foi o suficiente para que o reanimado conseguisse agarrar os braços daquele que procurara dar paz ao corpo do colega, puxando-o perigosamente ao chão e próximo á sua carcaça podre.

O horror ali foi de extremo gráfico. O reanimado devorou o rosto deste meu outro amigo, e cada mordida foi seguida de um grito, cada dor seguida prontamente de outro encontro aos dentes que não demonstravam piedade e roíam cada pedaço de pele e carne até chegar ao crânio.

Em meio àquele frenesi, me forcei a focar na tarefa que deveria realizar. Respirei profundamente e abri meu armário. Ali estava o *Ghāyat al-Ḥakīm.* Este livro, unido ao *Rutbat al-Hakīm* formam a Bíblia dos Apodrecidos, como alguns padres o conhecem, ou também como o grande arquivo mágico necromântico por alguns ocultistas. Como sou iniciante, só obtive o direito de receber por meio de meu mestre *Physicorum* o primeiro volume, pois este me lecionou que o poder liberado pelo livro necromântico completo só deveria ser experimentado por aqueles com décadas, ou ainda centenas de anos de prática.

Minha inexperiência também se comprovou por eu ter comprometido os segredos do livro para pessoas leigas, assim como também consequentemente ter-lhes custado a vida ao ser testemunha de tal poder que desafia os limites da vida e da morte.

Suando como se estivesse em um dia de verão, e em meio aos gritos de meu último colega ainda vivo, fui passando as páginas do livro freneticamente procurando por um feitiço que elimina a chama de existência do cadáver, comumente conhecido como “repreensão do reanimado”. É utilizado para se terminar o domínio mágico de necromancia em qualquer tipo de criatura e levá-la novamente ao vácuo universal, como um casco vazio de carne.

Os gritos estavam mais altos e estridentes. Não havia tempo para olhar. Eu deveria acender o incensório no óleo de cânfora com sálvia fresca para transmitir a magia da palavra através da fumaça até os ouvidos e órgãos internos apodrecidos da criatura. Busquei o pouco que tinha da erva dentro do armário e com as mãos trêmulas pela pressa, derramei parte dela ao chão. Acendi a brasa no óleo de cânfora e me virei para proferir as palavras dos mestres antigos.

O reanimado já havia se soltado da cadeira, e atacou diretamente a área mais fácil de se rasgar em um corpo humano: precisamente a região estomacal deste meu último amigo. A criatura estava se alimentando ferozmente de suas tripas enquanto este amigo, sentado contra a parede, me olhava fixamente; não saberia dizer se me julgava e amaldiçoava por minhas revelações fatais ou se pedia desesperadamente por ajuda com seus olhos.

- Observador dos caminhos, lembre-se e venha! Conhecedor dos caminhos dos mortos, venha! Que a longa viagem recaia sobre este casulo vazio e se abra as portas das terras esquecidas para sua passagem! Escuta-me e lembre-se!

Ao ter dito estas palavras, a fumaça passou a ter uma espécie de luminescência pulsante verde clara, quase como se possuísse vida própria. Esta luz necromântica, ao envolver o reanimado, subitamente o fez cair no chão como um boneco, como se ali nunca houvesse existido nada, nenhuma vida, nenhum desejo. Apagado da existência.

O cheiro rançoso da cânfora pairava no ar, combinando com o porão pintado de vermelho sangue. Fiquei um minuto olhando para a criatura inerte. Peguei um serrote dentro de minha caixa de ferramentas e me pus a trabalhar. Cortei a mão direita da criatura. Alguns vermes caíram, o que pela primeira vez me fez imaginar há quanto tempo aquele corpo estava se decompondo.

Chovia forte, mas do porão do edifício não se podia escutar, o que aparentemente também ajudou a abafar os gritos, pois não havia sinal de ninguém incomodado bisbilhotando em janelas ou portas. Peguei um taxi diretamente para a casa *Mors*, onde meus mestres pairavam em silêncio com seus estudos centenários.

Lhes mostrei a mão decepada e disse que nesta ainda havia resquícios de duas magias necromânticas bem-sucedidas realizadas por mim. Eles a levaram, informando-me calmamente que estavam satisfeitos com meu progresso. Aproveitando a ocasião, revelei que haviam mais três espécimes frescos que poderíamos usar em outros estudos necromânticos em meu porão, e que gostaria de ajuda para removê-los para a *Mors* o quanto antes.

APRESENTAMOS O CONTO

ÖLÜMSÜZLÜK

Por Elias Roma Neto

Sobre o autor: Elias Roma Neto é jornalista e também escritor. Co-criador do projeto Desventuras Fantásticas. Tem uma noveleta de fantasia na Amazon chamada O Som do Silêncio e se prepara para publicar outros trabalhos.

– Al-Ghurab, o primeiro turno é seu! – ordenou Abd al-Uzza, voz cansada como há muito não se escutava.

O jovem assentiu com a cabeça, ainda que as dores musculares e as pernas quase dormentes implorassem pelo contrário. Al-Ghurab viu o pai puxar o cobertor e deitar-se no saco de dormir rasgado, levantando poeira do chão próximo à fogueira. Olhou para a mãe, Nehal, e ela já estava dormindo, enrolada em trapos que há não muito tempo traziam brilho e evocavam respeito. Que em lembranças não muito antigas refletiam tons e perfumes de nobreza.

Olhar para os trapos acendia frustração e reavivava a intragável realidade de que aqueles dias de fartura não pertenciam mais a Al-Ghurab e seus pais, únicos membros da poderosa família Khruangbin. Na verdade, nem o adjetivo os pertencia mais. Abd al-Uzza e Nehal eram os sumo-sacerdotes de İskenderun, reino rebelde no coração do deserto. Empolgado com descobertas de jazigas de esmeraldas e rubis, o califa local montou um exército, muralhas, contratou mercenários, e declarou independência do Império, se autointitulando a reencarnação de uma divindade antiga chamada Deus Necromante.

Lembrar do passado pesou nos olhos de Al-Ghurab, e ele esfregou o rosto com as mãos. Olhou para a penumbra da floresta que os cercava e pegou a faca barata em sua cintura. Ela em nada lembrava a adaga com empunhadura de prata e fios de ouro que lhe fora dada no aniversário de quinze anos. Passados seis meses daquele dia, marcado por uma festa com bardos cantando e dedilhando baglamas, além de especiarias da mais alta culinária, ele hoje em dia se alimentava de pão embolorado. A adaga havia sido trocada por mantimentos há três meses e por duas facas, em um dos dias mais marcantes da fuga da família Khruangbin de İskenderun, após a retomada de controle do Império. O homem que fez a troca os hostilizou e humilhou, por terem pele marrom, falarem com sotaque de outra terra, e por parecerem pobres diabos miseráveis.

Às vezes, Al-Ghurab refletia sobre por quê era tão passivo após perder tudo. E sempre chegara à conclusão que era o laço familiar que o mantinha firme. Os pais eram o exemplo. Sumo-sacerdotes e magos poderosos. Era onde queria chegar um dia.

Mas também não deixava de chegar à realização que a magia não impediu o declínio de İskenderun. Nem os salvou da fome, da miséria e da implacável perseguição dos homens que haviam deposto o califa.

Para esquecer aqueles pensamentos, decidiu fazer algo. Lembrou que o pai havia reclamado de piolhos em seu turbante. Então, cauteloso, andou até a surrada mochila de Abd al-Uzza e colocou a mão dentro, em busca do tecido. Mas o que tirou de lá foi um livro.

Al-Ghurab o reconheceu. Era o livro antigo que seus pais mantinham sempre em suas posses pessoais, nunca em baús ou cofres. Sabia pela capa amarronzada de couro. Também pelo cheiro de mofo característico das poucas vezes em que conseguiu chegar perto o suficiente para sentí-lo. E, principalmente, pelo símbolo gravado a fogo, que parecia a união de três interrogações ao redor de quatro rabiscos aleatórios no centro.

Era o símbolo do Deus Necromante.

Um estalo atingiu a consciência de Al-Ghurab, que olhou para o pai e para a mãe com uma pontada de ansiedade. Estariam vendo que ele pegou? Não, não estavam.

Com um peso a menos no corpo e sentindo a aspereza da capa e da gravura com a palma da mão direita, decidiu que não faria mal em olhar o que tinha dentro. Era uma oportunidade única de tentar entender melhor o que era aquele Deus Necromante que levara o califa a pôr tudo a perder. Algo que, aparentemente, só seus pais entendiam além do líder de İskenderun. Que acabara sendo uma fonte de poder mágico e, ao mesmo tempo, motivo da queda de sua família.

Ele abriu o livro.

***

Abd al-Uzza acordou com um choque em seu peito, como se tivesse sido acertado por um elefante em fúria. Ele arfou desenfreadamente, desorientado com o susto, mas já sacando sua faca no cinto. Olhou para a escuridão que envolvia o acampamento, perdido por breves segundos, e então lembrou de sua família. Viu Nehal absorta em um sono profundo de cansaço.

E viu Al-Ghurab.

O garoto tinha aberto o livro, acionando o alarme mágico que o acordara. A raiva de Abd al-Uzza já quase saía em um grito de reclamação quando ele viu algo mais, nas sombras de Al-Ghurab. A voz morreu na garganta, abafada pelo medo.

***

Não havia letras compreensíveis para Al-Ghurab nas páginas do livro. Mas as runas escritas com tinta preta faziam-se entender com projeções, que explodiram no campo visual do jovem entre sombras e sensações angustiantes. Ele sentiu sua consciência flutuar, com um formigamento que o atingia de dentro para a fora.

Era como num sonho. Tudo parecia um pouco mais lento.

Ele estava em uma praia, onde ondas brancas como nuvens quebravam em seus pés, num toque molhado, frio e desolador. O céu era escuro, mas ao longe via-se dois sóis avermelhados se pondo por trás do horizonte. Lá no alto, a noite ganhava vez com estrelas e luas azuladas, e chovia uma chuva fina. Mas não era água que caia, e sim canções de milhares de vozes clamando por algo que ele não conseguia entender.

Fascinado e atemorizado, Al-Ghurab sentiu uma presença ao seu lado.

***

Abd al-Uzza levantou-se devagar e caminhou lentamente em direção ao filho. Com a mudança de posição, pôde ver que os olhos de Al-Ghurab agora estavam leitosos, num transe que, ele sabia, poderia ser demais para o jovem suportar.

Mantendo-se concentrado em não olhar para a sombra, chegou perto o suficiente para estender a mão com intuito de puxar o livro. Quando se preparava para fazer isso, uma voz engasgada e grave o paralisou com uma palavra falada no dialeto antigo daquela terra.

– Ölümsüzlük.

***

Al-Ghurab virou a cabeça lentamente, ainda que quisesse ter sido rápido. Viu um capuz arroxeado de alguém que estava de costas. Sua mão se estendeu contra sua vontade, e quando encostou no ombro da criatura, o capuz caiu para revelar um rosto sem olhos ou boca. Ao passo que o olhar se fixava, os detalhes daquele rosto branco apareceram como braços e pernas de homens e mulheres, que remexiam-se como vermes em carne podre, numa dança frenética que escalou em um ritmo inconcebível para seu

entendimento. As canções das gotas da chuva, agora, tinham significado em uma palavra desconhecida, ecoada infinitamente, mas que ele conseguia compreender: Ölümsüzlük.

O peso esmagador daquele horror o fez soltar um grito, que uniu-se às outras vozes na cantoria macabra. Ao mesmo tempo, sua consciência voltou a flutuar, percorrendo galáxias e portais coloridos até aportar como um trovão naquele pedaço insignificante de realidade em que vivia.

***

Merve e Jasper finalmente haviam chegado ao local onde haviam visto, de longe, um raio roxo cair e iluminar a terra com um estrondo. Eles viajavam por aquelas terras à noite, em busca de presas fáceis para assaltos, e o fenômeno era algo inédito. Um raio cair de um céu sem nuvens?

Depararam-se com dois corpos carbonizados. Um homem e uma mulher. Merve deu chutes em ambos, com sua besta preparada para qualquer reação. Mas não veio nenhuma, então ordenou que Jasper revistasse os miseráveis.

Merve olhou para além da fogueira quase apagada, para dentro da escuridão, como se pressentisse alguém o observando. Semicerrou os olhos e se segurou à sua arma, quando escutou um grito de Jasper. Seu amigo estava caído, com a cabeça sendo empurrada contra o chão de terra pelas mãos do homem morto. Merve virou a besta no instinto e acertou uma seta na cabeça do homem, que foi para trás com o impacto, revelando olhos leitosos e palidez na pele. Mas ele não se refreou e, com as mãos dentro da boca de Jasper, puxou para cima e para baixo, fazendo a cabeça se abrir em um jato de sangue, língua e carne.

Quando se virou e deu o primeiro passo para correr, Merve tropeçou e caiu de cara no chão. Ao tentar se levantar, viu que seus pés estavam presos pela mulher, que passou a puxá-lo com uma força inacreditável.

Em seus últimos segundos de vida, aos berros, viu um jovem de pele amarronzada se aproximar com um turbante na cabeça, um livro na mão e um sorriso no rosto.

APRESENTAMOS O CONTO

A MALDIÇÃO DO ESPANTALHO-MESSIAS

Por Evelyn Mello e Hugo Brasarock

SOBRE OS AUTORES:

Evelyn Mello possui Graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2007) e Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011), é Doutora pelo programa de Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e pós-doutoranda pelo Programa de Estudos Literários da Ufscar.

Hugo Brasarock é músico, compositor, ilustrador e professor. Graduado em Letras pela UFMS, com especialização em Língua Inglesa pela Cornestone University.

Mistério...

E olhou descrente: não imaginava que, em terra de Pau-Brasil, o espantalho seria o presidente.

Ali, por aquelas paragens, chegava-se por terra batida. Reinava o milharal. É verdade que o progresso nunca fora o grande forte e que se buscava o avanço político ainda por meio de orações e alusões desgastadas a um céu de anil nem tão anil mais. Contudo, ainda havia qualquer coisa que sugerisse uma possibilidade, uma saída, um norte ou qualquer outro sinônimo de andar para frente.

De repente, o caos enfim se agravou. O vírus era potente e seletivo. Sim, não era pandêmico, e acometia apenas indivíduos pré-escolhidos. Como o vento, chegara sem avisar.

Primeiro caso detectado: Gentil, o responsável pela organização miliciana da cidade. Rapidamente, novos casos foram sendo diagnosticados e, sem muitos esforços, a equipe científica diagnosticou que, inegavelmente, a principal área afetada era a neurológica. Eram muito comuns, entre os acometidos, os seguintes sintomas: passavam a delirar preceitos moralistas, defecavam pela boca e, de forma geral e unânime: tinham tendência à megalomania e à criação de mitos psicopáticos. Em outros tempos, tal tendência seria nomeada de Fascismo, entretanto, nos novos tempos, foi intitulada de patriotismo. Havia ainda, como sequela, a diminuição do domínio da linguagem, as pessoas perdiam o acesso ao abecedário, reproduzindo somente quatro letras: e, o, p, t. Somado a isso, todos desenvolveram uma aversão de potencial esquizofrênico à cor vermelha.

O terror se deu quando, aceleradamente, o número de acometidos pela enfermidade perdeu o controle. Foi nesse momento que, Gentil e seus adeptos incendiaram os laboratórios e decretaram que, na realidade, o vírus era a salvação e não a doença. Unido a Honesto, líder espiritual, provou que os tocados pela enfermidade, na verdade, eram eleitos. Tinham como missão construir um novo país. Todos estavam convocados a se reunir, naquela noite de lua cheia, para a escolha do grande líder que os iria representar nessa nova empreitada. O encontro seria no milharal, o coração da região.

A noite parecia especial e colaborativa: a luz da lua oferecia uma ampla iluminação natural. Em sua gutural nova linguagem, o grupo discutia, calorosamente, quem seria seu novo representante. Emocionados, procuravam traçar características primordiais de seu líder. Não havia espaço para erros.

Foi quando o inesperado aconteceu: o velho espantalho, ali adormecido há 28 anos,

mexeu a cabeça e sorriu para eles. Incrédulos, afastaram-se um pouco e ergueram as tochas. Sim! Messias, o espantalho, acenou para eles! Certamente, era um sinal divino!

Olharam-se uns aos outros... qual uma manada patética, entenderam-se pelo olhar. Sentiram-se sabidos por “compreenderem” algo. Sorriram bestialmente e prepararam-se para reverenciar a aberração. Não fosse pelo mais prudente do bando, o fariam sem cerimônia. O Organizador, como se autodenominava, ressaltou que era uma decisão muito importante, afinal, seria o líder de uma nação. A coisa teria que ser mais bem estudada. Uma reunião. Uma oração. Quinze minutos se passaram. Agora sim. Estava decidido. O espantalho é o nosso imperador. Ele pensa como nós. Ele fala como nós. Ele é verdadeiro. Fala a verdade na cara das pessoas. Chamou o filho do Mendonça de “bichinha”, pelo garoto ter uma voz fina. Todos riram. Tomaram como verdade. Gritavam a tosca palavra dia e noite na orelha do menino. Qual o problema? Não se pode mais brincar? Só o Mendonça que não gostou. E foi valente. E surrou. E gritou. E esperneou. Não com os agressores. Mas com “a bichinha”. O próprio filho. Fazia sem dúvida. Afinal, o mito – como os mais jovens passaram a chamar o espantalho – havia proferido. Então é verdade.

O Mito era peculiar. E espirituoso à sua maneira. Um dia gritou para todos logo de manhã: “T... o... e... p...” – de alguma forma aprenderam a se comunicar apenas com as quatro letras. A variação de ordem, a entonação e as pausas entre elas tinham significados práticos que, num passe de mágica, se montavam dentro da mente da manada semi-perdida. Inclusive, o novo nome da criatura foi dito nesse dialeto e compreendido de cara pelos humanoides, que novamente se orgulharam. Sentiram-se sabidos por compreender algo. A mensagem do líder significava qualquer coisa como iniciar uma guerra. Aceitaram o desafio e logo bateram uma espécie de continência, alguns com a mão direita, outros com a esquerda, alguns com as pernas abertas, joelhos dobrados e outros até mesmo pulando num pé só, resultando numa espécie de espetáculo de horrores, animalesco e nada cômico. O homem mais sábio e prudente daquele torto exército questionou – ele questionava demais, isso não era bom pra ele – “Contra quem?”

Fez-se silêncio. Alguns reprovaram sua atitude, mesmo que também quisessem saber a resposta. O Mito, em seu idioma próprio, grunhiu: “Procurem algum inimigo! Façam alguma coisa, cambada de idiotas!”. Essa fala despertou mais risos de admiração, dado o senso de humor da criatura e a oportunidade de desfrutar de uma intimidade tão fechada com um espantalho, que agora governava uma nação, cheia de entusiasmo.

Seus planos eram ambiciosos – além de pulverizar qualquer inimigo, almejava um cérebro.

É verdade que não precisava de grande intelecto para dominar por completo aquele triste conjunto de imbecis. Mas, imagine! Se já havia chegado tão longe, desprovido de qualquer inteligência, com cérebro, conquistaria o mundo! Olhou maleficamente e matutou, o único capaz de lhe oferecer o objeto cobiçado era o Organizador.

Canhestramente, pois nem precisava de grandes discursos, informou que, para a construção de uma grande nação, o sacrifício sempre é necessário e que todo aquele a oferecer o sangue por sua bandeira, é recebido com pompas no plano celeste. Todos choraram de emoção e, em meio a gritos de entusiasmo e orgasmos, sim, eles gozavam ao ouvir seu grande líder falar, começaram a disputar quem se ofereceria à imolação. O Organizador acompanhava calado. Não moveu um músculo, não pronunciou palavra.

Ao se dar conta do insucesso de sua primeira tentativa, o espantalho, fingindo comoção, explicou que não poderia aceitar, pois ele deveria indicar o escolhido mediante inspiração divina. Chamou Honesto e Gentil, sussurrando sua escolha após um teatro, como se já não soubesse, desde o início, o nome do eleito. Entretanto, quando iam cumprir a ordem, deram-se conta de que o Organizador já não estava mais ali. Possesso, o espantalho deu claras ordens: deveriam vasculhar cada centímetro do milharal e, se preciso fosse, que a família do homem pagasse a pena em seu lugar. Era assim. A partir de agora ninguém poderia contrariar as ordens do Grande Eleito.

O Organizador havia ultrajado o código. Recusara a chance de dar a vida por uma grande causa. Teria de pagar o preço. Não foi preciso repetir. Tão logo a criatura se calou, a massa se organizou para dar cabo do infeliz. Queriam um inimigo, agora o tinham. O espantalho sorria satisfeito. Tudo saía conforme não planejara. Beneficiava-se da estupidez. O vírus que lhe dera vida, também lhe presenteara com um reinado. Faltava pouco para concluir seu império. Precisava eliminar o único sinal de inteligência que restava. Precisava daquele cérebro e faria o que fosse preciso para conseguir.

Por acidente da natureza, um deles havia lido L. Frank Brown, em algum lugar do passado, e soltou a piada no mais intelectual nível possível, orgulhosíssimo de ter pensado nisso: “Onde será que estão o Leão Covarde e o Homem de Lata?”. Expressões de interrogação, acompanhadas de caretas ridiculamente confusas, cercaram o “culto” homem, que pode ser que só tenha assistido ao filme mesmo, aquele que começava preto e branco e ficava

colorido no momento da chegada em Oz. “Do que ele está falando?” “Deve estar drogado!” “Deve ter cheirado muita maconha!” “Aqui não é seu lugar, maconhão bicha! Rarrarra... ouviram do que chamei ele? Maconhão Bicha!”. E mataram ele no milharal. O espantalho, que também não fazia ideia de quem era L. Frank Brown, sorriu satisfeito e lambeu os beiços. Devorou as entranhas do homem morto, mas não pegou seu cérebro drogado e maculado pelas histórias de livros imbecis.

De repente, a criatura desabou no chão e começou a ter uma espécie de convulsão no pescoço, deixando seus súditos preocupados e, logo depois, aliviados, quando olhou para eles, dizendo que estava se exercitando após a farta refeição. “Oh... mas é um campeão olímpico!” – diziam os seus lacaios.

Vozes alteradas foram ouvidas ao longe. Parte do grupo caminhava um pouco mais à frente. Tinham cercado o Organizador. Abriram caminho para que o bizarro ser se aproximasse, com seu físico de palha e seu histórico de atleta. Enquanto isso acontecia, lentamente, talvez por prazer sádico do líder ou talvez pelo peso de tantos anos adormecido, um pequeno grupo que vinha lá de trás, o dos “artistas”, apresentou: “Fizemos um hino à ti, Líder!” – o chamavam assim também. “Líder”. A Aberração deu de ombros e continuou caminhando em direção ao homem acuado, dessa vez, sob uma trilha sonora pseudo-militar e mal cantada, que dizia um refrão, algo como: “Somos todos Espantalho” e o resto da letra era condenando os que não o aceitavam e usavam a temida roupa vermelha, que causava aversão à criatura, acostumada aos tons pastéis do milharal.

“Já sei! Ele é um touro ao contrário!” – disse um dos seguidores – “Ele vê o vermelho e foge!”

“Não seja burro! Ele é tipo um super-herói! O vermelho é a Kryptonita dele!”

Morreram na hora. A mãe dos adolescentes ensaiou um choro e a Anomalia respondeu: “Não posso fazer nada! Todo mundo morre!”

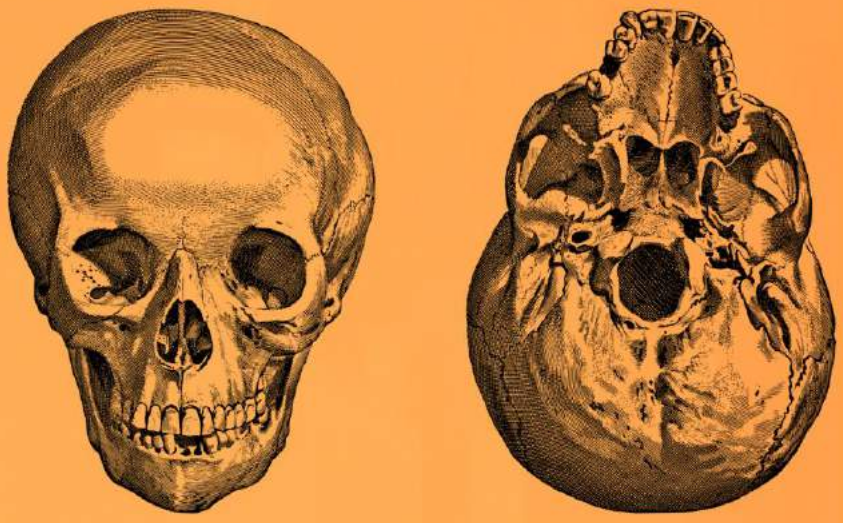
Uma vez mais, sua atenção voltou-se ao Organizador. Já estava suficientemente divertido com as peripécias dos súditos, agora precisava dar andamento ao projeto para obter o cérebro escolhido. Decidiu, dessa vez, que o conseguiria com as próprias mãos. Quando finalmente alcançou o homem e armou o golpe que lhe esfacelaria o crânio, um grupo de mulheres alucinadas chegou aos gritos, clamando por ajuda.

A cidade corria sério risco. Alguém denunciara uma plantação de LSD, o que, certamente, daria por perdida toda a juventude da região. O espantalho, entre irritado e tentado a demonstrar sua potente liderança, interrompeu a execução do homem e reuniu Gentil e Honesto para punir os responsáveis pelo plantio de tal substância.

Estavam tão entretidos em liquidar o novo inimigo que não se deram conta de onde vieram os tiros. Quase que simultaneamente, tombaram Gentil e Honesto. Não houve tempo para que o espantalho se voltasse, pois um grande garfo de jardinagem o atravessava pelas costas. Organizador não esperara por seu destino e decidira colocar um fim em toda aquela loucura. Com sorte, seria o novo mestre.

Em estado de choque, a multidão o observava. Foi linchado ali, sem maiores chances de defesa. Condenado à morte por traição. Desesperados e como último recurso, abriram a cabeça do homem para realizar o transplante de cérebro. Talvez ainda fosse possível salvar o mestre.

Ao terminar o processo de abertura do crâneo, entretanto, a surpresa não poderia ser maior: ali apenas havia um imenso espaço vazio. Olharam-se atônitos. Caíram de joelhos. A salvação era essa. Orar. Passariam assim o tempo suficiente para encontrar outro espantalho.



APRESENTAMOS O POEMA

SUSSURROS DO DEVORADOR

Por Felipe L. Cavalcante

Sobre o autor: Felipe L. Cavalcante, 23 anos, escritor e poeta de Manaus/AM, co-redator do site de notícias de cultura pop Co-op Geeks e membro dos podcasts Estação 21 e As Baladas de Nárnia. Autor dos contos "Um B", publicado pelo Wattpad, "A Dama no Bosque" publicado pela newsletter Faísca Mafagafo e o conto "Lua, Sangue e Mel" na antologia Não Morre no Final de temática LGBTQIA+ da Editora Resistência.

Sussurra-me sonetos e sibilos
Enquanto serpenteia em meu ser
Meu sonho manchado com o ressaibo de seu sangue

Voraz é o meu coração
Ossos pálidos de mármore
Coração negro de carvão
As cores frias e as veias gélidas correm pelos anjos da escuridão

A boca faminta e viva
Abre-se para se alimentar
Com presas afiadas
Faminta como o lobo
Deseja a vermelhidão
Dentro dos caminhos de seiva no corpo

A noite é tumular
E a escuridão não nega no fundo da terra
Debaixo do chão frio
Onde descansamos até o anoitecer
Adormecidos em sono de morte
E nas névoas infindáveis
Nos tocamos
Esperamos
Até a mudança começar…

APRESENTAMOS O CONTO

TERROR NA PRAÇA OSÓRIO

Por Fernando Antonio Prado Gimenez

Sobre o autor: Londrinense e professor universitário há 39 anos. Atualmente é professor da Universidade Federal do Paraná Criador e editor da Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo e da Revista Livre de Cinema. Em 2012, se tornou blogueiro em busca de um canal de expressão em que pudesse fugir do formalismo da escrita acadêmica. O prazer da escrita levou à publicação de livros de forma autônoma. Seus livros são de acesso público e gratuito em issuu.com/fgimenez.

Fernando Gimenez
www.issuu.com/fgimenez (livros e outras publicações)
www.3es2ps.blogspot.com (empreendedorismo e pequenas empresas)
www.relise.eco.br (Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo)
www.leiturasemcinema.blogspot.com (cinema)
www.relici.org.br (Revista Livre de Cinema)
www.umhaikaiaodia.blogspot.com (poesia)
www.brevetextos.blogspot.com (contos e crônicas)

Na Praça Osório, perto das onze da noite, ele voltava do cinema. A caminho de casa. Muito antes daquele ano em que as salas de cinema ficaram fechadas desde abril. O ano da pandemia de Covid 19. Talvez cinco anos antes. Ou seis. Ele já não tinha certeza. Apenas, queria situar no tempo, a história que narrava às amigas. Foi entre 2014 e 2015, portanto. Fora essa pequena imprecisão, o restante continuava fresco em sua memória. Como se tivesse ocorrido ontem.

O filme não lhe agradara muito. Fora ao cinema na falta do que fazer no domingo à noite. Apesar da crítica muito elogiosa, o filme era ruim. Para ele, havia uma certa dose exagerada de intelectualismo no roteiro. A história pretendia ser profunda reflexão sobre a natureza do mal. Mas, os diálogos entre as personagens principais tinham a profundidade de um pires. Atrizes e atores pareciam estar em um teatro. O melhor do filme estava na fotografia e na música. Mas, não eram suficientes para salvá-lo. O filme, não ele.

Mas, fiel à sua tradição, assistiu ao filme todo. Até os letreiros ao final. O único espectador que ficara na sala. O funcionário do cinema querendo fechá-la. Encerrar a longa jornada de trabalho. E ele? Sentado e vendo a lista interminável dos créditos. Quanta gente para fazer isso! Falou em voz alta. O funcionário olhou estranho para ele. Ao descer os degraus em direção à saída, mais uma frase. Ao menos muita gente ganhou algum dinheiro com esse filme. Menos mal! Outro olhar estranho do funcionário. Ao passar por ele respondeu ao boa noite. Boa noite! Hora de ir pra casa.

No meio da Praça Osório, com a iluminação amarela, viu o casal. Encostados na fonte central. Ainda ligada àquela hora. Estavam abraçados. De frente para ele. Teria que passar por eles. Era inevitável. Mas, a luz amarela lhes dava um aparência sinistra. Assim, como deixava as águas e as estátuas da fonte com uma coloração estranha. As cabeças abaixadas do casal impediam que ele visse os rostos. Respirou fundo.

Ao se aproximar, ficou em dúvida se contornava a fonte pela esquerda ou direita. Escolheu ir pela esquerda. Assim, poderia ir em direção aos banheiros públicos. Em seguida, viraria à direita em direção à Biblioteca Pública. Tinha a intenção de chegar até á Praça Tiradentes. Lá poderia pegar um ônibus para casa. Havia três opções. O primeiro que passasse já serviria. Talvez comesse um cachorro-quente antes de pegar o ônibus.

Ao se aproximar do casal, eles levantaram as cabeças. Ao mesmo tempo, a água parou de jorrar na fonte. As cabeleiras eram longas. Loiras. Cobriam o rosto da mulher e do

homem. Era difícil saber quem era a mulher e quem era o homem. As roupas eram comuns. Calça jeans e camiseta. Tênis. Um com calça azul e camiseta vermelha. Outro com calça preta e camiseta verde. Com um movimento de um dos braços - direito de um, esquerdo de outro - ambos afastaram os cabelos do rosto. Duas caveiras. Os braços e as mãos ficaram mais visíveis com o movimento. Descarnados. Puro osso.

Ao ouvir o boa noite em uníssono de ambos, ele correu na direção escolhida. Só parou de correr ao chegar à Praça Tiradentes. Entrou no ônibus que chegara junto com ele. Olhou para trás enquanto o motorista acelerava. Observou no trailer do cachorro-quente, mais um casal. De longas cabeleiras loiras. Em pé, encostados no balcão. De costas para o ponto de ônibus de onde saíra. Na parte de dentro, o atendente com uma olhar apavorado. Sentiu o arrepio pelo corpo todo. Na manhã seguinte, leu no jornal, a manchete da primeira página:

Em Curitiba a tradição de carnaval continua. Ontem teve mais uma caminhada dos zumbis.

APRESENTAMOS O CONTO

O MEDALHÃO DE UKYARA

Por Gilson Salomão Pessôa

Sobre o autor: Gilson Salomão Pessôa é formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia (https://www.editorapanoplia.com.br)e Revista K7 (www.revistak7.com.br), já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais.

Bóris e Erik sempre cresceram muito unidos na pequena cidade de Suceava, em 1937. O caçula cresceu admirando o primogênito, que sofria de gigantismo e era tratado como uma aberração por toda a comunidade. Isso fazia com que ele alternasse sentimentos de tristeza e ódio profundos, sempre consolado pelo seu único irmão e Estanislau, o vizinho que praticamente morava na casa deles.

Após perderem os pais na adolescência, o gigante assumiu a função de cuidar do jovem Erik, mas encontrou bastante dificuldade em achar emprego por causa de seu tamanho que sempre acabava assustando as pessoas. Foi então que surgiu a idéia de levar o grandalhão para os ringues e apostar nas lutas. Em pouco tempo começaram a vir lutadores de todas as partes do mundo para enfrentar “Bóris, o Yeti” em qualquer estilo que quisessem.

O treinamento do lutador envolvia subir correndo montanhas com um bezerro debaixo dos braços e halterofilismo com o tronco de uma árvore enorme que tinha sido derrubada por causa de um raio. Todo o seu corpo dele se transformou em puro músculo. Era temido e respeitado na mesma medida. Com essa fama conquistada ganharam o suficiente para viver bem.

Os anos foram passando e o imenso guerreiro continuou sempre muito cordial com todos, apesar de todo o tipo de preconceito que ele sempre tinha sofrido. Quando podia, trabalhava até em obras de caridade. No entanto, Erik guardava ressentimentos e não conseguia ser tão misericordioso. Sempre que podia gritava:

— Vocês têm muita sorte desse cara aqui ter um coração de ouro e não ser rancoroso, senão todos vocês estariam perdidos na mão dele! Aí sim vocês teriam motivos de sobra para ter medo!

O sucesso de uns sempre atrai a inveja de outros e nesse caso não foi diferente. Ivan Yasparov tinha o melhor lutador da região até a chegada do desproporcional adversário e obviamente começou a perder dinheiro de maneira vertiginosa. Por esse motivo Estanislau acho tão estranho quando os irmãos foram convidados para um jantar em sua casa.

Apesar do vizinho perceber que era claramente algum tipo de armadilha, Erik estava confiante demais para ignorar isso e preferiu acreditar que ele iria sugerir algum tipo de parceria ou algo do gênero. Bóris, doce como sempre nem desconfiou. Ao contrário, estava feliz por comer algo com um tempero diferente do que o seu irmão preparava.

Infelizmente as suspeitas do vizinho se confirmaram com o falecimento do gigante gentil naquela mesma noite, envenenado de maneira covarde no suco de uva que ele foi o único a tomar. Morreu deitado em sua cama, algumas horas após o término do banquete e dessa forma ninguém suspeitou de nada. Seu irmão ficou inconformado e insistiu em pedir uma autópsia, mas o médico local não era muito qualificado para avaliar o tipo de veneno nem como o mesmo tinha sido ingerido.

Depois de muito pensar, Estanislau lembrou-se de seu tio Yuri que mexia com ocultismo e vivia afastado de sua família. Tinha desaparecido dentro da própria casa, onde havia um estranho círculo na sala com runas pintadas com sangue no chão. A casa foi trancada e todos foram proibidos até de passar perto do local.

— Não estou seguindo o seu raciocínio — disse Erik enquanto se embebedava de gin para tentar aplacar o seu sofrimento.

— Talvez a gente encontre alguma maneira de vingar o Bóris. A gente sabe quem fez isso com ele, mas se utilizarmos o sobrenatural como arma, não poderemos ser julgados de crime algum.

— Você quer mexer com coisas além do seu conhecimento e os resultados disso podem ser muito, muito errados. Olha o que aconteceu com o seu tio.

— Vamos lá só dar uma olhada. Não custa investigar.

— Eu estou muito alterado para ir agora. Se quiser esperar iremos amanhã.

— Eu vou dar uma olhada hoje é qualquer coisa eu te aviso.

— Você que sabe. Não é muito inteligente ir sozinho.

Estanislau esperou anoitecer para ir até a casa abandonada do seu tio sem despertar suspeitas. Como a porta estava trancada ele arrombou uma das janelas de madeira com um pé de cabra e entrou. O interior do local tinha um mau cheiro de carne podre e enxofre. O rapaz investigou e não achou nada muito suspeito, com exceção do círculo vermelho na sala. Foi então que ele percebeu que a porta para o porão estava trancada. Mais uma vez ele usou a ferramenta que havia trazido e abriu à força. O velho lampião de querosene que tinha trazido não iluminava muito bem, então foi descendo a escada com cautela. Quando estava nos últimos degraus começou a ouvir um choro feminino. Pensou em desistir, mas precisava seguir em frente.

Foi caminhando devagar e olhando com cuidado ao redor. O lamurio foi ficando cada vez mais alto, à medida que ele se aproximava de uma estante.

— O que você quer de mim? — Perguntou o rapaz com bastante medo em sua voz.

Um livro velho de capa dura e rubra saltou do móvel e caiu no chão. Assim que Estanislau pegou a brochura uma estranha luz brilhou dentro da gaveta numa escrivaninha que até então ele não tinha percebido. Ele correu e abriu para investigar. Encontrou um medalhão com uma corrente dourada e uma gema lilás incrustada que brilhava muito forte.

— Coloque o medalhão! — comandou a voz feminina.

O rapaz saiu correndo assustado, levando o livro e o colar. O pé de cabra ficou largado na sala, afinal ele sabia que retornaria no dia seguinte. Foi para casa, mas teve sérios problemas para dormir, pois a joia brilhava intensamente na sala e uma estranha voz começou a sussurrar em seu ouvido no exato momento em que se deitou na cama:

— Eu tenho as respostas para o que você deseja. Sua vingança será saciada! Não está curioso para saber como? Venha e eu lhe darei todas as respostas! Eu consigo perceber que você mal pode esperar!

Por fim ele não suportou mais e se levantou. Qualquer coisa para calar aquela maldita voz em sua cabeça. Sem contar que ele realmente ficou intrigado pela proposta sugerida. Quando se aproximou da publicação a mesma instintivamente se abriu e começou a folhear sozinha até parar em uma página onde ele podia ler em letras garrafais:

FEITIÇO DE NECROMANCIA

Se sentou na cadeira e estudou com cuidado aquelas instruções até amanhecer. Tomou uma caneca grande de café e foi procurar Erik com a solução para o destino de Ivan, que deveria pagar por sua atitude nefasta e covarde. O caçula estava com ressaca por causa da bebedeira na noite anterior, mas ouviu com atenção e gostou da ideia. Com muita dificuldade colocaram o cadáver do gigante numa carroça e o levaram bem cedo até a casa do tio de Estanislau. Despejaram o corpo em cima do círculo com runas e o colar em seu pescoço. O mau cheiro era quase insuportável, pois ele já estava se decompondo. Acenderam velas ao seu redor enquanto o vizinho leu um trecho do livro em voz alta:

— Aduceți acest corp la viață, astfel încât să poată riposta pentru relele care i-au fost făcute într-un mod atât de laș și nefast! Ridică-te, trup fără suflet!

O círculo vermelho e a gema brilharam muito forte, mas Bóris permanceu inerte.

— Será que está faltando alguma coisa? — disse Estanislau

— Talvez ele precise de uma alma.

— Será que alguém precisa se matar para que ele reviva? Não faz sentido.

Enquanto os dois discutiam, o corpo do gigante começou lentamente a se mover. Ficou sentado e começou a olhar em volta, um pouco confuso.

— Funcionou! — Gritou Estanislau emocionado.

A dupla se abraçou e dançaram de felicidade, sem perceber que a criatura não os tinha reconhecido. Ficou em pé e caminhou trôpego em direção a eles. Ficou parado olhando os dois por um tempo. Fez cafuné no vizinho, dois tapinhas no rosto do irmão e partiu em direção à casa de Ivan. Chegou arrebentando portas e assim que o avistou disse:

— Nunca pensou que eu iria retornar, né?

Ivan ficou pálido e sem voz. A criatura resolveu continuar:

— Você me matou após eu ter te contado que nós iríamos ter um bebê! Que tipo de monstro faz uma coisa dessas?

— Cosmina? Mas como?

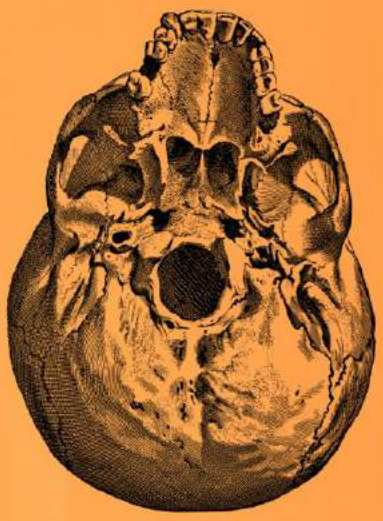
— Minha alma ficou presa em uma jóia por anos até eu finalmente ter a chance de me vingar! Foi um pacto que eu fiz com um demônio, mas valeu a pena! Ah se valeu!

Partiu em direção ao homem que foi desmembrado com uma violência e rapidez assustadoras. Ao ver todo aquele sangue e carne espalhados pela sala, sentiu fome e acabou o devorando. Essa foi a parte do feitiço que Estanislau não leu. O corpo reanimado não poderia comer carne humana porque isso o transformaria num zumbi descontrolado e faminto.

Erik e seu amigo ficaram esperando do lado de fora da casa de Ivan para festejar com Bóris, mas o que saiu da residência foi uma criatura voraz que arrancou a cabeça do seu irmão com uma bocada. Estanislau correu assustado para uma farmácia enquanto a besta corria veloz atrás dele. Vários transeuntes resolveram atacar o gigante com pedaços de paus e garrafas, mas não surtiram efeito. Nem os tiros da polícia. Isso tudo só deixou o

monstro mais furioso e a rua acabou se tornando palco do maior banho de sangue da história daquela pequena cidade.

Por fim Estanislau atirou um vidro de ácido que derreteu a corrente, quebrando o encantamento e fazendo a criatura cair inerte no chão. O rapaz ficou contente, mas não conseguiu comemorar porque tinha vendido sua alma sem saber ao demônio que fez o encantamento. Caiu sem vida enquanto sua alma foi sugada pela jóia do medalhão.



APRESENTAMOS O CONTO

CONTRA OS MONSTROS

Por Sir_lemonpie

Sobre o autor: Formado em história na USP, Sir_lemonpie é um aspirante a escritor que busca afiar suas habilidades escrevendo contos para antologias variadas, com o sonho de um dia publicar seus próprios romances, além de escrever gosta também de artes marciais, de desenhar, de ler obras de história e romances (principalmente de ficção fantasiosa e científica) e de séries. sofrendo constantemente com o desafio de equilibrar todas essas coisas com a vida diária.

Fui criada na era dos Homens, quando estes já caminhavam sozinhos como os senhores supremos do mundo.

Outrora, se diziam há alguns anos, a humanidade não passava de vítima impotente diante de um mundo hostil, um que precisou ser tomado centímetro depois de centímetro até não restar nada do terrível mundo de outrora.

Contava-se que era um mundo de florestas lendárias, de mares impiedosos e céus inalcançáveis. Um mundo de profunda magia e lar de monstros diante das quais o Homem podia apenas se encolher em suas choupanas e rezar.

Duendes e fadas povoavam as colinas e elfos, Ents e trolls habitavam em meio a arvores densas e milenares. Dragões, antigos como o tempo, reinavam os céus e as montanhas ecoavam com o trabalhar constante de anões e kobolds. Os mares, por sua vez, eram dominados por monstruosas criaturas, tão imensas que somente as mais profundas aguas lhes serviam como lar.

Nesses tempos, diziam há alguns anos, os homens eram os mais frágeis entre um multitude imensa de seres, a tal ponto indefesos que se alguém declarasse que um dia o mundo viria a pertencer-lhes este seria considerado um louco.

Mas os Homens conquistaram o mundo. Derrubaram as florestas para abrir espaço para seus campos e tomaram as colinas para expandir os seus pastos. Um a um, seres que outrora reinavam em sua cacofonia magica, desapareceram.

Foram-se primeiro as criaturas das clareiras, os pequeninos habitantes das margens dos rios, as suaves dríades das flores silvestres e os doces espíritos dos pequenos córregos.

Foram-se os livres habitantes das florestas e as nobres e milenares arvores, foram-se os faunos das campinas e os centauros das planícies. Desaparecendo conforme as vilas dos homens cresciam e se multiplicavam, dando à luz as cidades.

Foram-se os anões e seus companheiros os kobolds, e assim foi, até restarem somente os Homens.

Os habitantes dos grandes rios e da beira mar, os senhores dos bosques e os senhores dos céus, todos desapareceram e aqueles que não o fizeram foram destruídos.

Mataram-se todos os monstros, as hidras, as serpentes marinhas os gigantes e até os dragões.

E quando estes acabaram, a humanidade voltou-se para aqueles que viviam entre os seus, caçaram os lobisomens e exterminaram os vampiros.

E acabados estes, os Homens declararam-se, orgulhosos, como senhores de toda a terra onde se pisasse, toda agua na qual se navegasse e todo o céu onde se voasse.

Em sua conquista final, declararam-se senhores da natureza em si e a deram como superada, controlada. Deram fim as curandeiras, aos sábios das montanhas e aos magos andarilhos. Massacraram-se os druidas e queimaram em fogueiras as velhas bruxas. E com isso declararam finalizada a era da magia e da natureza, e iniciada a era dos Homens, a era do progresso e da razão, onde os homens dominariam, como medida final de todas as coisas.

É a essa gloriosa era que eu e meus irmãos e irmãs devemos nossa existência, originados do desafio ao último dos limites impostos ao homem pela natureza: a morte

Viemos ao mundo em arfadas dolorosas, enchendo de ar pulmões que deveriam estar mortos. Seres nascidos dos corpos costurados de nossos senhores. Músculos e órgãos mortos trazidos de volta à vida por doses quantificadas do que outrora fora magia. Maquinas consertadas pelo gênio insaciável de nossos pais, em seus olhos nada muito diferente de todas as outras geringonças, feitos de carne, mais ainda assim iguais as máquinas de ferro fundido que criaram em suas fábricas.

Mas eles estavam errados, sentimos como eles, amamos como eles e, quando a grande guerra veio e a humanidade devastou a si mesmo, nações lançando seus exércitos de carne e ferro uns contra os outros, num pesadelo de ganancia, nós lutamos como eles. Gritamos como eles diante do horror e, quando estava finalmente acabado, choramos como eles.

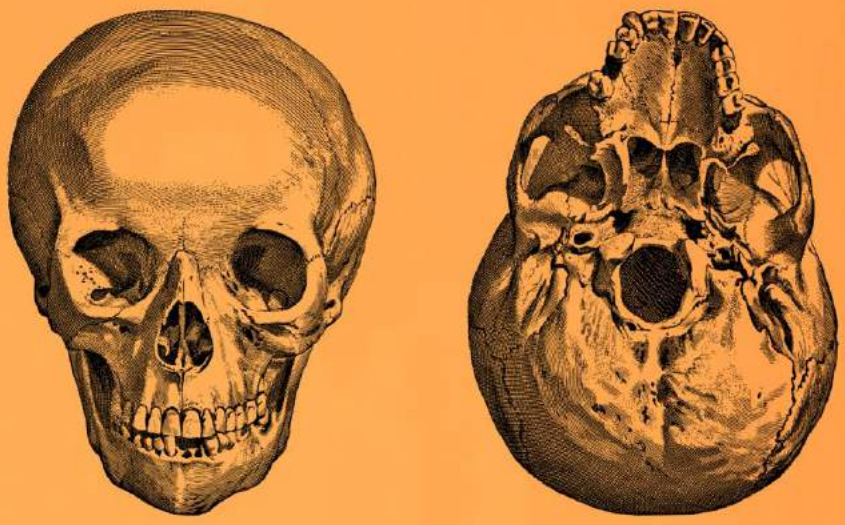
Os homens ainda erguem mil invenções em suas fábricas, ainda caminham sozinhos sobre o mundo que tomaram para si, rodeados por suas maquinas. Mas quando um se põe a ouvir não é somente o girar de engrenagens que se escuta.

Ouvem-se historias sobres as lendárias florestas, sobre os seres que um dia caminharam sobre os morros e os bosques, sobre os monstros das profundezas e sobre

os nobres seres que um dia reinaram sobre os céus as terras e as aguas. Ouve-se o passado e se pergunta se houve realmente monstros. Se para os seres que um dia viveram lado a lado não eram os homens os terríveis monstros temidos durante as noites.

Hoje é impossível distinguir entre os que caminham pelas ruas das vilas e cidades quem, entre os passantes, são meus irmãos e irmãs, as costuras que marcam nossos corpos são as mesmas que marcam os de nossos senhores, cicatrizes deixadas por monstros. Apesar da dor e do sofrimento, nasceu disso um novo futuro, um em que aqueles que herdarão este mundo saberão onde realmente estão os monstros.

Nunca mais nessa terra se ouvirá as canções dos faes, nem os galhos balançarão com a poderosa ventania causada pelo bater das asas dos dragões. As flautas dos faunos nunca mais ecoarão pelos vales nem a risada dos anões pelos tuneis escavados nas montanhas, entretanto, as plantas voltaram a nascer sobre os campos massacrados pelos bombardeiros, novas casas tomaram o lugar dos escombros em dez mil cidades arruinadas e, da minha janela, posso escutar o choro de um violino enquanto acaricio meu ventre expandido e me pergunto se essa antiga era de magia realmente se foi totalmente, ou se continua a existir, dentro de nossas lembranças dela, assim como os mortos continuam a existir em nossas lembranças deles.



APRESENTAMOS O POEMA

NA MIKWOT / O DOBRADOR DO AR

Por Jérémie Edouhou Nyoka

Sobre o autor: Jérémie Edouhou Nyoka, nascido em Makokou (Gabão) em 1968, é kueléfono, kotáfono, francófono, arquivista e documentalista no Ministério do Controle do Estado do Gabão (Libreville). Escreve poemas em línguas africanas (o bekwel e o ikota) para a promoção de suas línguas maternas e culturas.

Na mikwot

Na mikwot
Yɛ ɛ mbeka
Inɛk mbɛka
Ɛliig bot

Gota
Mut nyɛ ɛ dim
Pup
Mut nyɛ ɛ ngüel
Mɛsii
Mut nyɛ ɛ kwot
Na kuma nyil yɛ ɛ bɔs

Yɛ ɛ mindjaala
Yɛ ɛ mɛdjana
Nɛ ɛlyaal ɛwala

Na mikwot
Motom ɛbɔl
Yɛ ɛ mɛbɔl
Mɛ botom

Mut nyɛ ɛ ghüil
Mut nyɛ ɛ nghüil
Ndum nɛ mɛkwoor
Yɛ ɛ kul
Mut ii dus kwoor
Mut ii gwak gwoor

Ɛbyoŋ ɛ na mikwot
Yɛ ɛ mɛbɔl

Mɛ sisim
Nɛ lyem
Tɔ ɛtaala
Yɔ ɛsyim
Na mikwot
Yɛ ɛ ɛswoola
Ɛ motom

*** *** ***

O dobrador do ar

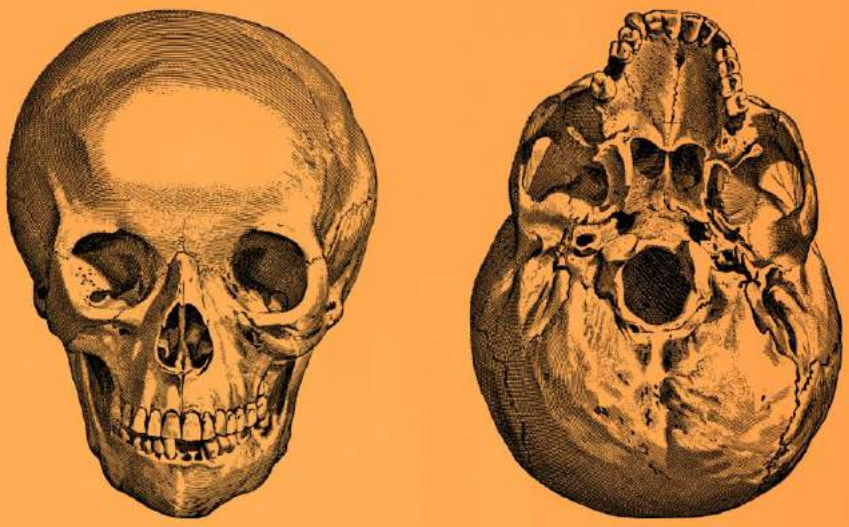
O dobrador do ar
No velório fúnebre
Celebra
Essa despedida
Transforma
Gente

Brasa
Ele vira fantasma
Vento
Ele é chama
Cinza
É feito de pele
O dono do corpo
É húmo

Ouço reza
É a despedida
Pois a figura está toda
Colorida

O dobrador do ar
Dança
A dança
Dos homens
Ele é forte
Ele é corrente
O fim
Finalmente
Ouvimos a chamada
Ele troca de pele
E segue o som

A sombra do dobrador do ar
Aparece quando dançar
A dança do espírito
Que leva o coração
A pensar
No seu último túmulo
Ele é a mutação
Do corpo



APRESENTAMOS O CONTO

O PRISIONEIRO DOS SONHOS

Por Kátia Surreal

Sobre a autora: Kátia Surreal é a mamãe da gata Bibi, nasceu em uma sexta-feira 13 de lua de sangue, no Dia Mundial do Rock. Professora, escritora, membro da Academia Independente de Letras (AIL), autora do livro de poesias eróticas "Gradações hiperbólicas", lançado em abril de 2021, pela editora Brunsmarck. Participa frequentemente de antologias coletivas de livros, E-Books e em revistas literárias, além de escrever em seu blogue "Fugere ad Fictem" e no Instagram nos links a seguir: https://fugere-fictis-katia-surreal.webnode.com
https://www.instagram.com/katiasurreal_

– Rosália, vamos ter de ir a um centro espírita! –, disse Rômulo à esposa, segurando firme em seu braço.

Na ocasião, estavam sobre a cama, às três da matina. Encharcada de lágrimas e suor, ela não poderia mais ignorar a perturbação que lhe ocorria há mais de treze anos ao dormir. Embora nesse longo tempo tivesse também bons sonhos, vez ou outra, um suposto demônio vinha perturbá-la nas horas mortas. Ora a segurava pelo braço, puxando-a pra si, ora parecia querer expressar algo, mas o som não saía de jeito nenhum de sua boca, como se estivesse entalado e, portanto, impedido de se pronunciar.

O que esse demônio estava querendo, afinal? Rosália resistiu até onde deu. Não acreditava no sobrenatural, mas a terapia não estava ajudando muito quanto a isso. Aliás, a gerente de banco, essa era a sua profissão, se considerava uma pessoa feliz e normal. Tinha amigos, uma família com problemas razoáveis, além de ser muito bem casada por cerca de sete anos. Considerando essas questões, entendeu que o marido talvez tivesse razão. Afinal, não estava normal essa história de acordar xingando, se debatendo, com suores extremos, boca seca e o coração a mil. Pra piorar, desta vez, acabou acertando a pobre cadelinha Fonfom, que dormia de quando em vez aos pés da cama. Ainda bem que o chute na coitada foi só de raspão, pois senão...

Rosália, então, decidiu confiar na proposta de Rômulo: ir ao centro espírita da tia dele, dona Julieta, a fim de desvendar o mistério. Chegando lá, fizeram orações, formando uma corrente ao redor duma mesa com vela e água. O ambiente era pouco iluminado, o que fazia com que a luz da vela fosse projetada na parede, avivando-se ilusórias imagens, como num teatro infantil de sombras aterrorizantes. Rosália seguiu todo o ritual seriamente, contudo, ao chegar a casa, descascou pra cima do companheiro:

– Eu que não volto mais lá! Nunca mais! Eu, hein! Como uma cambada, brincando de rodinha, poderia dar fim a uma perturbação de anos?!

Rômulo reagiu esfregando as mãos no rosto, soltando um ar forçado pela boca em seguida. Tinha que ter muita paciência com a parceira, que não havia compreendido nada da sessão espírita. Nem mesmo prestou a atenção no que um velho médium, como quem não quisesse nada, lhe alertou:

– Agora é que a senhorita deve ficar atenta aos sinais que vão aparecer nos sonhos. Preste bem atenção também em qualquer detalhe da vida. Entendeu, moça?!

Não deu outra. No dia seguinte, uma tarde de domingo, Rômulo ainda não tinha voltado do encontro com um amigo. Enquanto isso, Rosália assistia à telenovela na copa,

ao mesmo tempo em que preparava o almoço. Súbito, uma dor lhe tomou a cabeça. Desligou a TV, ingeriu uma aspirina, mas continuou a tarefa doméstica. Quiçá precisasse de silêncio. Foi o que pensou. Assim, prosseguiu descascando lentamente as cebolas; quando, de repente, surgiu-lhe uma imagem borrada dum tempo antigo, de treze anos atrás:

Rosália estava com quase trinta anos na festa “Kanaval”, numa viagem que fizera no Haiti, em 2008. Foi uma das poucas oportunidades que teve de viajar pra fora do país. Lá, o carnaval era tão divertido como o do Brasil; mas, claro, com diferenças, começando pela forma do povo de lá dançar. Era algo bem díspar daqui, um tanto engraçado, segundo ela.

Distraída no evento, Rosália deparou-se com um homem muito, muito alto, dos olhos tensos e intensos, mirando-a com profundidade. Logo, ofereceu-lhe um drink só através de gesto. Por ser um desconhecido, recusou. No fundo, sabia que essa era uma forma comum de aproximação, ainda mais nessa época festiva, porém todo cuidado era pouco e, por isso, buscou ser prudente, até mesmo porque ele era um sujeito desconhecido e de uma cultura bastante diferente da sua. Sabia lá do que ele era capaz...

Assim, rapidinho, Alex, um dos seus cinco amigos que estava com ela na ocasião, chegou arrastando-a pelo braço, pra que visse algo inusitado no carnaval. Talvez o homem alto e misterioso tivesse entendido a atitude de Alex como uma espécie de rivalidade. Nesse sentido, o amigo teria vencido na conquista da “garota disponível” do evento, mas não. Foi apenas uma coincidência. Alex só havia chamado Rosália pra ver uma fantasia engraçada dum desconhecido no carnaval e, também, pra ficar próximo dos demais amigos deles.

Não demorou muito, o tal homem ressurgiu em meio à multidão em que eles estavam. Inesperadamente, ele assoprou um pó bem na direção de Rosália. Aquilo só poderia ser purpurina. Foi o que pensou, até considerando o contexto. Mas aconteceu que, na ocasião, um cara entrou na frente, sem querer, e o pó atingiu a sua vista. O rapaz ficou desesperado; no entanto, nem pareceu que foi tão grave assim, muito embora não tenha sido possível avaliar direito, uma vez que tal situação foi abafada pela aglomeração de pessoas e, também, pela animação da música vinda do carro alegórico, que guiava os foliões.

Agora na copa, Rosália esfregava a vista com força. Ardia pelo efeito da cebola e, igualmente, por causa da lembrança que lhe ocorrera subitamente. Fora isso, o domingo

foi perfeito ao lado do seu companheiro, que, a essa altura, já havia chegado. A torta de legumes que ela havia feito ficou uma delícia. Minutos antes de dormir, Rosália flagrou o marido rezando diante de uma vela acesa na área de serviço da casa. Fez que não viu e foi se deitar.

O cônjuge não fez amor nesse dia. Eles estavam um tanto silenciosos entre si, apesar do almoço pacífico. Até que ambos caíram em sono profundo. Assim que deu exatamente três horas da madrugada, o demônio reapareceu como um dos pesadelos mais intrigantes de Rosália. Só que, desta vez, ela mirou bem pros olhos do monstro: pra sua surpresa, constatou que o olhar dele era de aflição e queria lhe dizer algo, mas não conseguia por algum motivo. Olhando bem, viu que o sujeito não parecia ser do mal, apesar da aparência perturbadora: extremamente feio, em carne viva e apodrecendo ao mesmo tempo, cabelos emaranhados, empoeirados, com olhos esbugalhados, com vermes saindo. Deus! Seria um zumbi?!

– É ele! É ele! –, gritava a mulher, já na realidade, no meio da noite, acordando o marido.

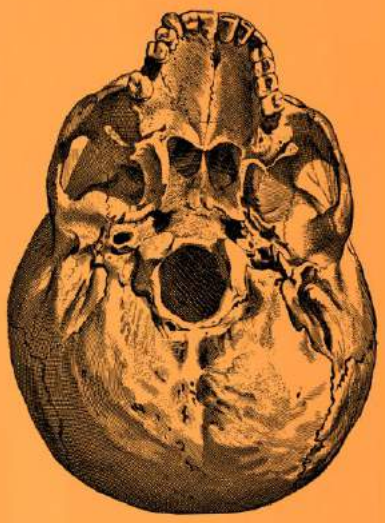
– Que foi, meu deus?! Aquele demônio de novo?!

Rosália, embora nervosa, conseguiu narrar a respeito da lembrança que tivera mais cedo sobre a sua viagem ao Haiti, muitos anos antes de conhecê-lo, ao mesmo tempo em que detalhou o pesadelo. O demônio era o tal cara que havia sido atingido na vista pelo misterioso pó durante o carnaval no Haiti. Isso havia sido um fato banal na época, mas a verdade, agora bem costurada, revelava a gravidade pra vida dela. Por outro lado, fatal pra alma do pobre homem, que acabou recebendo o macabro feitiço em seu lugar, tornando-se um zumbi, escravo do feiticeiro, o homem alto do carnaval, que, na certa, sentiu-se rejeitado e quis se vingar.

Ao constatar a situação, Rosália se derramou em prantos pelo “demônio”. Coitado! Certamente, ele estava lhe pedindo ajuda. Ela, que nunca havia dado importância às historietas de zumbis, pelas quais Rômulo tinha fascínio, passou a compreender bem a existência do sobrenatural. O casal, então, resolveu pedir ajuda espiritual à tia Julieta, contando-lhe todos os detalhes da verdadeira história do demônio dos sonhos. Assim, passaram a rezar com frequência pela alma prisioneira do homem, ainda que este nunca mais tivesse voltado a perturbá-la. É provável que o encanto macabro tivesse se desfeito com a descoberta, e, finalmente, todos obtiveram paz. De toda forma, Rosália nunca mais

deixou de orar pelo prisioneiro dos sonhos, pois jamais teve a certeza do seu real destino desde então.

Três anos depois desse acontecimento, Rosália descobriu-se grávida dum menino, seu primeiro filho. Assim, a família foi seguindo um rumo tranquilo na vida material, sem mais passarem por grandes intempéries, mas na certeza de que a escravidão do homem pelo homem pode atravessar as fronteiras da realidade.



APRESENTAMOS O CONTO

UM JANTAR EM FAMÍLIA

Por Leony Pereira

Sobre o autor: Leony Pereira é escritor, professor, pesquisador, jogador de RPG, maratonador de séries e devorador de livros de fantasia. Apaixonado pela escrita desde criança, lançou seu primeiro romance, "O homem com guarda-chuva", de forma independente pelo Kindle. Quando não está escrevendo, gosta de postar conteúdo literário no instagram. Fica entre nós, mas seu maior prazer é assassinar personagens e ver as reações espantadas dos leitores. Eu sei, isso é meio sádico.

Esse dia finalmente chegou. Depois de quatro longos meses isolada nesta chácara, finalmente vou receber meus três queridos filhos. Eu sei, foi por uma boa causa. Graças ao isolamento, não peguei Covid-19. Só que não aguento ficar mais tempo longe da minha família. Estou agora mesmo fazendo um delicioso porco assado no forno, sei que eles adoram.

O primeiro a chegar é Reinaldo, o mais velho. Pontual, como sempre, veio num corolla preto. Muito elegante, mesmo para um jantar em família. Reinaldo é o único que passou dos trinta. A essas alturas, deveria ter me dado um neto. Mas nem esposa ele tem e não parece preocupado com isso. Sempre o achei muito focado nos estudos, até demais. Deve ter puxado ao falecido pai.

— Boa noite, mãe — ele diz, me dando um lindo buquê de flores. Reinaldo sabe que eu gosto de margaridas.

— Muito obrigada, filho. Entre, seja bem-vindo.

Meia hora depois, chegam meus outros dois filhos em um HB20 branco. Letícia vem até mim correndo, sorrindo e gritando “mãe”. Me abraça com força, balançando para os lados. Senti saudade desse jeito espalhafatoso e descontraído. Ela é a filha mais apegada a mim, talvez por ser a única mulher. Tenho a impressão de que as mulheres sempre são mais apegadas aos pais do que os homens.

Atrás da Letícia vem Abelardo, o caçula. O filho que mais me deu trabalho. Tem quase vinte e cinco anos nas costas e ainda não tomou um rumo na vida. Terminou o ensino médio e, em vez de fazer faculdade como seus dois irmãos mais velhos, foi vender arte na praia. Passa o dia surfando e fazendo bijuterias. Mas o amo mesmo assim. Amor de mãe é incondicional.

Enquanto jantamos um pernil de porco, que modéstia à parte, está muito bom, colocamos a conversa em dia. Reinaldo diz que foi promovido a chefe administrativo na empresa de assessoria empresarial em que trabalha. Para ser sincera, nem sei o que isso significa. Até hoje desconheço o que meu filho faz, mas só de saber que é um homem bem-sucedido, fico feliz. Letícia me conta sobre os planos de abrir a própria clínica odontológica. Ela está fazendo economias para realizar esse sonho. Eu já disse milhares de vezes que pode contar comigo. Não quer aceitar, é uma menina muito orgulhosa. Abelardo diz que vai começar a fazer colares com pedras. Respiro e fico em silêncio. Não quero brigar com ele nesta noite tão agradável.

Depois do jantar, vamos até a varanda e continuamos a conversa. Eu abro uma garrafa de vinho suave e sirvo todo mundo. É quase uma tradição de família tomar alguns goles depois de uma refeição especial como essa. Por volta das onze da noite, me levanto da cadeira de balanço e caminho até a cozinha para pegar mais uma garrafa. Minha cabeça está girando um pouco. Me sinto no direito de exagerar um pouquinho depois de meses sem ver quase ninguém.

Abro a geladeira, pego o vidro, mas acidentalmente esbarro em minha taça. Ela cai no chão e se espatifa. Não posso deixar esse monte de cacos no chão. Caminho até a despensa para pegar pá e vassoura, mas quando acendo a luz do cômodo, tomo um susto funesto. Minha pele inteira se arrepia e minha mente demora a entender o que estou vendo. Minha boca se abre, seca, e um grito alto e agudo sai quase por instinto dos pulmões.

Há um cadáver em minha frente. Um corpo morto, magro, como se todo o seu sangue e músculos tivessem sido drenados. Está careca, nu e acinzentado.

Logo os três aparecem, veem o que está acontecendo e ficam igualmente assustados. Letícia não consegue conter um grito de pavor. Reinaldo cobre o nariz e a boa com a mão, como se tentasse evitar o mau cheiro. Abelardo é o que melhor consegue manter a calma e analisar a situação. Se abaixa perto do corpo e começa a examinar.

— Os órgãos genitais foram cortados — disse ele. — Como o corpo está muito debilitado, não dá para dizer nem o gênero. Mãe, qual foi a última vez que a senhora entrou neste cômodo?

— Não sei, filho — digo, confusa —, acho que algumas horas antes de vocês chegarem. Por quê?

— Eu já vi isso antes. É um corpo sugado pelo eombuera.

— Lá vem ele com essas histórias de maconheiro — reclama Reinaldo. — Abelardo, isso aí é um cadáver. Vamos chamar a polícia, eles vão investigar e saber se há algum bandido pelas redondezas. Simples assim. Não me venha com suas fantasias.

— Olha, está quente — diz Abelardo, encostando a mão na testa do cadáver. — Morreu há poucas horas, talvez depois de chegarmos. Como o corpo pode estar neste estado?

— Não sei — responde Reinaldo, colocando o celular no ouvido. — Mas sei que a polícia tem mais chances de descobrir do que você.

— Meninos, parem de brigar! — resmungo. — Abelardo, o que é esse tal eombuera?

Reinaldo solta um suspiro de desaprovação e caminha até a sala.

— Uma lenda dos índios Umuana. Dizem que é um morto-vivo que precisa sugar a vitalidade das pessoas para sobreviver. Quando faz isso, absorve as memórias, a força, e também pode se transformar na pessoa que ele sugou. Me disseram isso quando eu estava com uns... amigos, na tribo dos Umuana. É lógico que eu não acreditei. Quem acreditaria numa lenda dessas? Mas naquela noite, eu vi, lá perto da mata, no escuro, um homem branco, alto e forte, chupando o pescoço de uma índia umuana. Pensei até que estivessem namorando ou algo assim, mas de repente o sujeito sumiu e a moça caiu no chão. Corri até lá para dar uma olhada e vi seu corpo completamente sugado, como esse cadáver.

— Meu Deus, que horror! — deixo escapar.

— Se eu estiver certo — continua Abelardo —, este é o cadáver de um dos meus irmãos. O morto-vivo deve ter sugado um deles e se transformado. Isso significa que um de nós é o eombuera.

As luzes se apagam de repente. Ouço algo batendo com violência na parede. Letícia grita, mas sua voz fica fraca e distante. Um pequeno holofote se acende. Abelardo liga a lanterna do celular. Segura a minha mão e, juntos, caminhamos com cuidado pela escuridão. Ainda não sei no que acreditar. Será que essa história do eombuera é mesmo verdade? Se for, então um dos meus filhos está... morto?

Atravessamos a porta que divide a sala e a cozinha. Há um corpo jogado de barriga pra baixo no meio do tapete. Está seco, como o cadáver da despensa. Nos aproximamos um pouco. É uma mulher. Tem cabelos longos, pretos, e a mesma roupa que Letícia usava. Abelardo levanta a cabeça do defunto. Não resta a menor dúvida, é ela.

Grito de desespero e abraço o cadáver de minha filha. Está quente, mas não sinto a respiração saindo dos pulmões. Está morta. Choro como uma criança. Não consigo acreditar que perdi minha única filha. Sinto um aperto enorme, como se um vazio tomasse conta de mim.

— A polícia está vindo — diz Reinaldo, que aparece de repente atrás de mim. — Espera, quem é essa pessoa?

— É Letícia — diz Abelardo, arrasado. — Acho que o eombuera a sugou.

Reinaldo se aproxima do cadáver, olha seu rosto e conclui que, de fato, é sua irmã. Ele não esboça nenhuma reação. Sempre foi um garoto forte, frio, racional. No enterro de

seu pai, Reinaldo não derrubou sequer uma lágrima. Disse que foi culpa dele ter fumado por tanto tempo e morrido de câncer no pulmão.

— Agora precisamos ficar aqui dentro da casa — diz, com aquela mania de liderança. — A polícia chegará em trinta minutos. Deve haver algum assassino em série por aqui, mas se ficarmos juntos, podemos sobreviver.

— Não! — grita Abelardo. — Você é o eombuera, só pode ser.

Abelardo abre os braços na minha frente, como se tentasse me proteger.

— Você ainda tá falando dessa historinha de criança?

— Meninos, não briguem! — grito. — Olhem o que acabou de acontecer com a irmã de vocês!

— Mãe, acredite em mim, o verdadeiro Reinaldo tá morto dentro da despensa. O eombuera se transformou nele e depois sugou a Letícia até a morte. Isso que está na nossa frente é um demônio comedor de gente.

— Se esse conto de fadas é verdade — grita Reinaldo —, como garante que você mesmo não é o eombuera?

— Ora, eu sei que eu não sou — responde Abelardo.

— E eu sei que eu não sou.

Abelardo avança e aplica um soco na boca de Reinaldo, que cai com as nádegas no chão e o nariz sangrando. Ele sobe em cima do irmão mais velho e continua o agredindo. Eu grito para pararem, tento interferir, mas o que uma velha como eu pode fazer?

— Mãe, fuja! — brada Abelardo. — Pelo menos a senhora tem que sobreviver.

E agora? Devo acreditar que Reinaldo é esse tal eombuera? Meu filho mais velho está morto? Abelardo grita mais uma vez para eu fugir. Minhas pernas tremem. Em um ato quase involuntário, começo a correr, atravesso a chácara e chego ao meu carro. Devo ir embora e abandonar os meus filhos? Sinto que devo voltar e fazer alguma coisa.

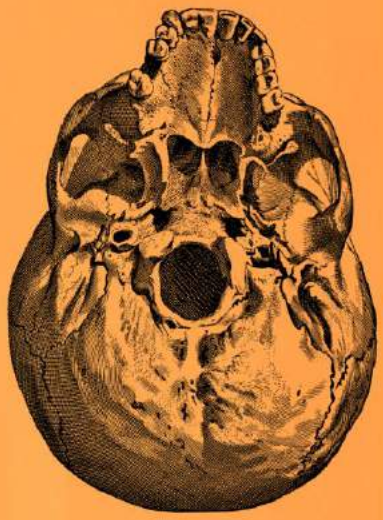
De repente, vejo Abelardo correndo pelo terreiro em minha direção. Logo atrás vem Reinaldo, sem camisa, com a cara lambuzada de sangue.

— Vou te matar, Abelardo! — ele grita.

Ele é mesmo o eombuera, afinal? Abelardo toma vantagem, eu abro a porta do carro para ele entrar. Assim que ele se joga na poltrona, piso forte no acelerador. Reinaldo fica para trás, aos berros, irreconhecível.

Na estrada para a cidade, Abelardo começa a chorar muito. Cai a ficha de que ele perdeu os dois irmãos nesta noite infeliz. Agora é meu filho único. Consegui enganar ele

direitinho. E você também. Olho para ele com um sorriso malicioso, minha boca se enche de água. Acabei de comer o jantar, agora é hora da sobremesa.



APRESENTAMOS O CONTO

CAOS NA MISSA

Por Lucas Brasil S.

Sobre o autor: Lucas tem 19 anos, é estudante de Letras e voraz leitor desde a infância. É apaixonado por cinema, música, HQs e toda a arte no geral. Começou a escrever aos seis anos, criando histórias em quadrinhos e, aos poucos, foi evoluindo sua escrita. Aos 16 anos teve um romance premiado no Wattpad e hoje escreve poesia no instagram e contos fantásticos para editoras.

Existia um homem na cidade. Ninguém nunca soube seu nome.

Ele era retraído, na maior parte do tempo, mas quando você se encontrava com ele, descobria que havia muito mais naquele homem. Graduado nos mais diversos saberes, conhecedor de culturas, religiões, filosofias e tudo que há na Terra e fora dela, não demorou para que o homem ganhasse popularidade.

Aqueles que tinham a sorte de encontrá-lo, logo revelavam as fantásticas conversas que tinham com o dito. Era simplesmente fabuloso pelo modo como cada um narrava. Conversas sobre o mundo exterior, sobre a galáxia e seus mistérios, sobre os segredos políticos que nos rodeiam, sobre o passado e seus mistérios, enfim, conversas de todos os gêneros.

O homem virou uma lenda. Aliás, ouvira-se dizer que falava delas também e que sua beleza era surreal. Apesar de tudo isso, ninguém nunca soube seu nome. Ninguém nunca o viu em companhia. Ninguém o conhecia de verdade, mas ainda assim todos sentiam conhecê-lo um pouco. E os que não o conheciam, ansiavam por fazê-lo.

Entretanto, o homem foi tornando-se cada vez mais retraído. Não era encontrado na padaria, nem no mercado ou na farmácia. Tornou-se um fantasma que parecera mais ter sido uma alucinação coletiva do povo. Logo, este fato incomodou as pessoas, que intrigadas e revoltadas, procuraram saber onde o homem se metera.

Foram cinco dias de tensão envolvendo os moradores da pacata cidade. Um certo ar de mau presságio pairava no ar e as pessoas deixaram de falar sobre o misterioso homem. Porém, todos pensavam nele e todos o procuravam à sua maneira. Jovens, adultos e idosos. Nas festas, nas igrejas, nos motéis. Por sorte, não havia crianças.

Então, passado os cinco dias, houve o ocorrido que divide esta história. Um jovem chegou desesperado em uma das igrejinhas da cidade, branco como a neve, e implorou para ver o padre o mais rápido possível.

Assim que o padre foi informado e mostrou-se para receber o jovem, esse alterou-se e começou a gritar com o homem. Ninguém era capaz de entendê-lo ou acalmá-lo.

— Você sabia! Você sempre soube, mentiroso! Andando por aí como se fosse melhor do que nós, quando na verdade era igual a nós. Admita AGORA! — ele gritou e

gritou. Mas o padre não o entendeu, não até que fosse tarde demais e o jovem perdesse totalmente o controle, partindo para cima e lhe esfaqueando o peito.

Em dez minutos, o bairro todo já sabia, e em menos de uma hora, toda a cidade. Padre. Assassinado. Jovem. Foragido. A cidade pôs-se inquieta, os pais trancaram seus filhos em casa, idosos fecharam suas cortinas e logo a cidade foi tomada por um silêncio diferente e não mais lembravam do homem que tanto procuravam.

No dia seguinte, a cidade acordou calada. Alguns poucos se atreveram a sair de casa, sempre atentos.

Idosos ainda permaneciam em suas casas, mas os jovens não. Era mais difícil controlar os jovens, se você não fosse a pessoa certa. E por isso, não demorou para que o próximo surto ocorresse.

Em menos de vinte e quatro horas desde a morte do padre, um professor da faculdade estadual foi assassinado a caminho de seu trabalho. Testemunhas alegaram que era o mesmo garoto, outros alegavam que o assassino dessa vez havia sido uma garota. Ninguém nunca soube. Fato é que os assassinatos se tornaram cada vez mais frequentes, e logo, a cidade vivia um pânico.

Rumores circulavam, como em toda cidade pequena. Paranoicos alegavam um caso de possessão em massa, outros alertavam para os fins dos tempos e outros culpavam o governo. Só se sabe que em meio a tantas especulações, a cidade lembrou do seu erudito cidadão desaparecido e começaram a especular que talvez ele soubesse as respostas para o caos que os acometia.

Portanto, a busca pelo homem intensificou-se. Homens saíam com seus carros, batiam em portas, comércios, hospitais, mas nada encontravam. Nem o menor sinal. Tudo porque o homem ainda não queria revelar-se, e não o fez.

Aconteceu naturalmente em uma manhã de domingo.

Sete assassinatos ocorridos, sete assassinos desaparecidos.

Então, lá estava ele na missa, como todos os outros cidadãos.

Rapidamente o culto transformou-se em um coro de burburinhos e agitações de pescoços que viravam na direção do homem. A inquietação para ir até ele era sentida por todos, mas estavam em plena missa.

Perguntas precisavam ser respondidas. Onde estivera afinal? O que fizera esses dias? Onde morava? Por que não ajudara? O que tinha para dizer a eles?

O padre que pregava a missa, de repente calou-se e, envergonhado, fez o que todos tinham vontade, mas não tinham coragem: chamou o homem. Mas como, se não sabia seu nome? Apenas o olhou e todos os demais também o fizeram.

O padre saiu do púlpito como um sinal de que estava cedendo-o ao homem.

Dez tortuosos segundos se passaram até que o homem, com um riso indecifrável na face, dirigisse-se até o pódio que o davam com tanto ânimo. Conforme seus passos iam ecoando pela igreja, as palpitações de cada fiel presente sincronizavam no mesmo ritmo. O silêncio era abissal, sentido tanto no inferno quanto no céu.

Frente à multidão, o homem tossiu, limpando a garganta, e anunciou.

— Trago-vos boas notícias, amigos! — todos o olhavam atentamente. — Todos vocês me conhecem. Recentemente concluí minhas pesquisas, outrora secretas, mas agora posso levá-las à luz, a vocês! — abriu os braços para o alto, ao mesmo tempo em que abria o sorriso.

O homem então apontou para o padre e disse:

— Não há necessidade para mais missas. Não há necessidade para mais adorações sem sentido! — berrava com sua voz animosa e grave. — Seu paraíso não existe. Seu Deus não existe. Nem seu diabo existe. Apenas vocês existem! E o segredo do universo... sobre essa vida, é que... — ele chorou. — ...ela é a morte em sua mais pura forma.

Silêncio.

— Não há porquê abalar-se com os recentes ocorridos. Ninguém está completamente morto. Nem mesmo vocês.

Todos entreolharam-se, alguns confusos, outros atentos e poucos incrédulos. Todos acreditavam cegamente no homem. Até mesmo o padre conflituava em seu interior.

— E por que devemos acreditar em você? — indagou uma única mulher ao fundo.

O sábio riu, olhou para o céu, depois para ela e disse:

— Ora, querida! Porque eu sou o Diabo e eu não minto!

A igreja se calou e sete pessoas entraram, parando em fila no corredor que separava os bancos. Mas não eram os assassinos foragidos, senão os próprios assassinados.

Uma delas era o próprio padre defunto.

Outrora pecador, agora pecado encarnado. Outrora soberbo, agora a própria soberba personificada. Seu olhar vazio pesava em quem o mirasse. Era impossível olhá-lo e não sentir terror. Não sentir a alma espiada.

Os outros seis defuntos — agora Avareza, Gula, Inveja, Ira, Luxúria e Preguiça — surtiam o mesmo efeito sobre o povo.

E, assim, a pacata cidade do inferno tomou consciência de seus pecados tal qual Adão e Eva perceberam sua nudez ao comer a maçã.

A serpente no púlpito não sibilava, mas ria e deliciava-se enquanto seu sórdido jogo de tortura começava.

Alguns o olharam uma última vez e juraram reconhecê-lo. Não pelo seu nome. Não, ninguém nunca o soube. Mas sim, aquele homem era conhecido por todos. “Amigo” de todos.

Por fim, uma ordem foi dada e os sete mortos-vivos deram o primeiro passo. E o “Santo Caos” desceu sobre os fieis como em uma versão distorcida de Pentecostes.

Sete pecados, atrás de sete pecadores para si.

Por sorte, a igreja estava sempre cheia deles.

APRESENTAMOS O CONTO

O BAITAL

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Graduou-se em direito pela Univali em 1992, Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Participou de exposições individuais em Santa Catarina e no Paraná. Tem contos publicados em 04 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II e IV e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 09 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens e Era uma Vez).

1322. Cercanias do Castelo de Dunnottar, Escócia.

Hoje sei que o horror é verdadeiro porque o vi com meus próprios olhos!

Hoje sei que é verdadeiro porque eu a matei!

Minha doce Elizabeth! Que Deus tenha piedade de sua alma!

Mas preciso contar tudo desde o início, para que aqueles que vierem depois de mim possam também lutar contra esse mal sútil e macabro que caça nos descampados e nos cemitérios de nossas cidades, sem misericórdia!

Tudo começou com a chegada à Dunnottar de um Senescal vindo do oriente, da Índia talvez, chamado Sameer Vietala, e da morte da mãe de Elizabeth!

Ela morreu de uma febre sutil dos pântanos, uma coisa que a deixou acamada por quase um mês, minguando e emagrecendo à olhos vistos até que acabou por morrer dormindo.

No mesmo dia em que ela morreu o homem chegou, vinha prestar homenagens à Lorde Robert Keith, senhor do Dunnottar.

Eu estava ao lado de Elizabeth durante o enterro, ao crepúsculo daquele dia chuvoso e vimos a silhueta sinistra e firme do homem entrecortada no lusco fusco do dia que também morria. Não sabia por que ele estava ali.

Sua tez era cor de cobre escuro, seus cabelos compridos negros como azeviche e seus olhos como carvões, a boca tinha lábios finos e dentes brancos. Tinha, no entanto um olhar duro, cruel e egoísta, dominador!

Ora, ele aproximou-se de nós durante o féretro e ficou à todo instante com os olhos frios presos em minha Elizabeth, de tal forma que fiquei agitado e nervoso com aquele comportamento impudico e inexplicável!

Desde a mais tenra idade que eu amava Elizabeth, fomos companheiros de folguedos e juntos crescemos naquelas campinas e morros, corremos juntos por aquelas muralhas e ambos sabíamos que pertenceríamos um ao outro até o fim de nossas vidas.

Em realidade já estaríamos casados se a mãe de minha amada não tivesse falecido de forma tão súbita.

Quando todos se retiravam ele veio para mais perto e interpôs-se em nosso caminho perguntando sobre Elizabeth e dando-lhe seus pêsames.

Eu corei e interrompi dizendo-a minha noiva! Ele sequer olhou-me.

Continuava a olhar para Elizabeth de uma forma absolutamente intolerável, como uma ave de rapina observa sua presa, com uma concupiscência cruel!

Aquilo me irritou profundamente e teria tido sem dúvida uma altercação mais séria com o homem se não fossem meus amigos e alguns parentes de Elizabeth, que vendo o comportamento ignóbil que ele tinha trataram de separar-nos e eu e Elizabeth voltamos para a casa de seu pai.

Daquele momento em diante não tive mais paz!

Durante os dias que se seguiram o homem parecia brotar da terra onde quer que Elizabeth estivesse.

Fazia-lhe à corte de forma inapropriada e chegava mesmo a desfazer de mim na frente dela.

Aos poucos vi que ela em afastava de si e acabava cedendo àquele indivíduo horrível de uma forma inexplicável.

O cúmulo de tal afronta ocorreu alguns dias depois, em uma noite de lua cheia durante a qual eu e Elizabeth costumávamos colher rododentros nos morros próximos.

Fui até sua casa no fim de tarde, porém quando perguntei à seu pai onde ela estava ele apenas moveu o braço e indicou os morros atrás do castelo.

— Ela se foi pra lá com aquele sujeito! — disse ele com uma voz cansada.

Senti meu coração despedaçar-se ao ouvir aquilo.

Como pudera ela fazer tal coisa? Deveria estar fora de si para deixar-se levar por aquele homem horrível para um lugar descampado, e pior, sozinha!

Corri a procurá-la!

Estava desesperado, o coração parecia que ia explodir dentro do peito. A raiva e o ciúme tomavam conta de mim, como se uma criatura bestial me possuísse.

Corri muito por aqueles morros procurando-a, mas foi somente quando a noite já estava densa e a lua alta e bojuda que a encontrei, para meu desespero!

Eu vi sua silhueta, entrecortada perto do sopé de um pequeno morro bem distante do castelo, um lugar ruim que dava diretamente nos pântanos e nas terras desoladas.

Ela não estava sozinha! Não! Aquele execrável homem estava junto dela, ele a estava beijando, abraçando e eu via suas mãos grossas tomando conta do corpo de minha amada!

Corri para separá-los, mas quando me aproximei mais ele voltou seu rosto duro e pétreo na minha direção, então foi como se eu batesse em uma parede invisível, meus passos cessaram e minhas mãos descaíram ao lado de meu corpo, fiquei ali, inerte sem puder fazer nada, apenas meus olhos ainda não me haviam traído!

A cena que se desenrolou à minha frente foi o cúmulo dos desejos luxuriosos daquele ser sinistro e abominável!

Ele cerceou toda a vontade de minha Elizabeth, seu olhar lúbrico parecia atravessá-la e sua vontade fazia a dela minguar e desaparecer, ela fraquejava, eu via seus olhos se arregalarem e seus lábios se abrirem em gemidos roucos, lascivos, como nunca imaginei ouvir algo daquele tipo vindo dos lábios virginais de minha amada.

Ela estava sob seu domínio e ali à minha frente fez tudo o que aquele homem abominável queria!

Ele conspurcou sua alma e seu corpo da maneira mais sórdida e lasciva possível e afinal não satisfeito com aquele comportamento bestial, ele mordeu a carne alva de seu pescoço e alimentou-se de seu sangue virginal!

Sua visagem metamorfoseou-se à minha frente como sombra rubra e pálida de mulher perdida!

Sua força desapareceu por completo e eu a vi tombar por terra desfalecida, ou pior!

O vilão, ereto ainda, olhou para o corpo alvo de minha amada, caído por terra e sorveu com ânsia de um desejo lascivo o calor que ainda emanava do seu corpo prostrado.

Depois se voltou para mim e, com um sorriso sarcástico e cruel virou-me as costas e sumiu pelo meio da terra como bruma leitosa!

Somente então pude me mover, sair daquele estupor mefítico que me havia mesmerizado.

Corri para o corpo de Elizabeth, mas era tarde... Ela estava morta!

Trouxe o corpo exangue de volta à casa de seu pai!

O homem quase morreu com a dor, pois ela era sua filha única!

Eu contei-lhe o que havia acontecido e incontinente fomos atrás do perpetrador daquele crime hediondo no castelo.

Tarde demais, porém, o vilão já havia fugido!

Lorde Roberto ficou transtornado com o que lhe contei e quando viu o corpo de Elizabeth aquilo lhe pareceu feitiçaria.

Mas eu sabia bem o que aquele homem era, a criatura bestial que estava escondida dentro daquele disfarce de carne!

Os dias que se seguiram foram tormentosos, caçamos o miserável por todas aquelas terras, mas em vão! Ele já havia deixado a Escócia! Soubemos que havia ido para Londres e o Lorde enviou mensageiros para alertarem os ingleses.

Eu fiquei! Não queria me separar do corpo de Elizabeth!

Foi na terceira noite que tudo aconteceu!

Eu estava fazendo a vigília ao mausoléu, sentado em uma das lápides próximas à grade metálica que protegia o caixão de Elizabeth.

Eram já quase uma hora da madrugada!

Foi então que ouvi um barulho, uma coisa quase inaudível mesmo, um arranhar e um rasgar muito sutil que vinha de dentro do caixão.

Meu coração quase pulou do peito! Talvez ela estivesse viva! Talvez tudo aquilo não passasse de um pesadelo!

Corri a abrir a grade e entrei no mausoléu, peguei o cabe de uma pá quebrada que estava jogado à um canto e usei-o para abrir o caixão.

Aqueles segundos se arrastavam fazendo minhas mãos tremerem de medo de não abrir a tempo, de tê-la deixado viva e trancada naquele caixão durante todos aqueles dias, que desgosto e desespero teria ela sofrido ali dentro!

Afinal arranquei os pregos e abri a pesada tampa.

Ela estava lá! Elizabeth, seus cabelos ruivos despenteados, seus olhos azuis arregalados com o susto, seus lábios vermelhos aberto em um grito mudo.

O vestido levantava-se acima de suas coxas brancas e suas mãos de unhas compridas galgaram as bordas do caixão.

Quando ela me olhou nos olhos pareceu me reconhecer e sorriu!

Mas ela já não era minha amada! Agora eu via em seus olhos a mudança!

Via aqueles olhos que um dia haviam me olhado com amor agora me olharem com fome e lascívia.

Via aqueles lábios que um dia haviam me dito palavras de amor agora me sorrirem com um esgar de luxúria e cupidez.

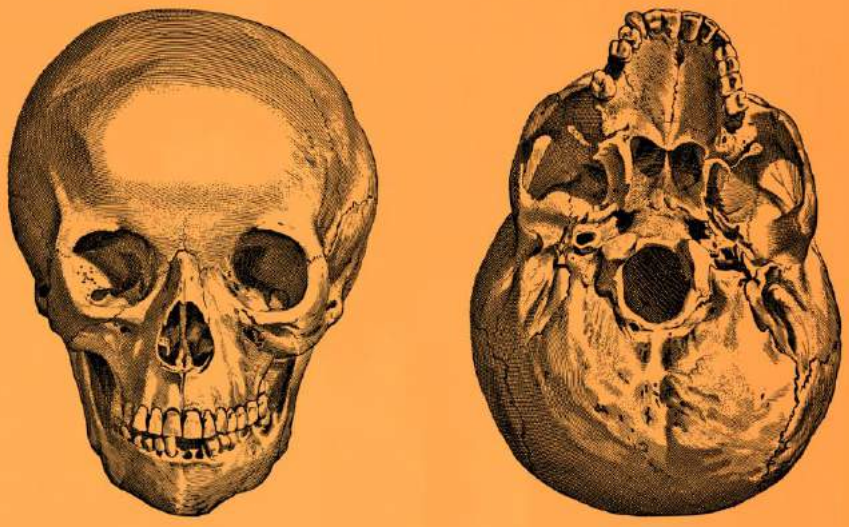
Via seus dentes alvos e compridos despontando famintos pela minha carne e sangue!

Aquela já não era minha Elizabeth! Havia outra coisa hedionda ali! Uma coisa perdida e imunda que desejava apenas se alimentar!

Talvez tenha sido a providência divina que me fez agir do modo que fiz, não sei.

Sei apenas que peguei o cabo quebrado da pá e enfiei-o no lugar onde deveria estar o coração daquela coisa!

Depois chorei!



APRESENTAMOS O CONTO

O FIGURINO DE ANÚBIS

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Graduou-se em direito pela Univali em 1992, Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Participou de exposições individuais em Santa Catarina e no Paraná. Tem contos publicados em 04 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II e IV e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 09 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens e Era uma Vez).

“Posso olhar para minha alma e minha sombra?“
— Anônimo, O Livro Egípcio dos Mortos

Me chamava Sebastião, basta saber isso e nada mais! Meu nome era meu próprio estigma e dize-lo por inteiro era chamar por algo dentro de mim que já não existe.

Era ladrão profissional, não existiam muitos como eu em Recife Velho ou nas cidades ao redor. Era junho de 1908. Fui contratado para roubar uma estatueta, pequena e velha, não imagino para que meu empregador fosse querê-la, devia valer uma pequena fortuna, mas não era problema meu, devia me preocupar apenas em conseguir a estatueta.

Estudei o casarão onde ela estava durante um mês, casarão antigo no meio de uma propriedade grande e mal cuidada na Rua Treze de Maio, na frente do Passeio Público. Parecia desabitada, cercada pelo mato alto, tinha visto um velho morando lá, saia pouco geralmente ao cair da noite, voltava logo, teria que lidar com ele durante o roubo.

Não havia postes de iluminação, era grande sombra tenebrosa e preta estampada no horizonte noturno. Não tinha cães! Havia uma luz acesa na última janela do sótão sempre, onde o velho morava sozinho, durante a noite nenhuma outra luz se acendia.

Procurei na Prefeitura uma planta do imóvel, não tinha nenhuma, disseram que tudo da época da construção, fora perdido ou destruído pelas traças.

Escolhi uma noite sem lua. Era um lugar lúgubre, ficava vizinha do Necrotério e do muro eu podia ver os contornos fantasmagóricos do Cemitério Municipal.

Eu não era religioso nem nada, mas me benzi antes de entrar no terreno.

Não havia muitas árvores por ali, segui perto do muro até ficar rente à casa.

Aproximei-me das janelas, tudo estava escuro, apenas aquela luz do sótão acesa.

Forcei a porta dos fundos. Quando a abri rangeu agourenta ecoando pelo interior da casa como gemido sinistro. Parei e escutei, temeroso que meu gesto descuidado tivesse atraído uma atenção indesejada, não ouvi nada, tudo estava silencioso lá dentro.

Passei pela cozinha e pela sala de jantar, parecia uma daquelas casas de histórias de terror que eu às vezes lia, os móveis antigos de madeira negra, cobertos com lençóis brancos, fantasmais. Não parecia que vivia alguém ali.

Cheguei ao rés da escadaria em caracol. Nenhum barulho, o ar parado e frio, como se estivesse fechado há anos, o que seria impossível, pois há duas noites vira o velho sair ao crepúsculo e voltar. Verifiquei outras salas, não havia nada ali.

Subi. A escada rangeu agourenta, como se avisando que estava subindo e a atmosfera ficou ainda mais quieta e aterradora. Era como se fosse observado. Um medo esquisito me subia pela espinha! Era bobagem, eu sabia, mas fiquei alerta.

No topo da escadaria um grande quadro de um homem em seus trinta anos, pele morena, vestindo uma roupa esquisita, com um adorno amarelo na cabeça, um cajado e uma chave redonda nas mãos. Seus olhos pretos fixavam-se nos meus quando o olhava, de forma insistente e ameaçadora até. Tinha vaga semelhança com o velho que vira ali.

Olhei os quartos, não encontrei nada. Estavam abandonados, destituídos de vida.

No último havia uma escada para o sótão, tentei subi-la, porém era frágil demais para meu peso, tentei colocar um pouco mais de força no primeiro degrau, ele rangeu, retirei o pé rapidamente e desisti de subir. Se o fizesse quem estivesse lá em cima saberia e obrigatoriamente teria que lidar com o velho, coisa que eu realmente não desejava fazer.

Desci e revistei novamente o térreo. Na biblioteca da esquerda achei o que procurava. Escondida atrás de uma estante uma passagem para algum lugar subterrâneo. A pequena entrada não estava trancada, quando o fiz um efluxo horrível de gases miasmáticos saiu, um odor nauseante de séculos me fez recuar tonto de horror. O que havia lá embaixo?

A abertura negra era como uma boca esperando que eu entrasse para me tragar. Tirei esta imagem absurda da mente e forcei-me a prestar mais atenção no que fazia.

Com cuidado tirei uma pequena lanterna à óleo e a acendi, cuidando para que a porta do cômodo estivesse fechada e as frestas tampadas, para que ninguém de fora visse a luz.

Ela revelou um lance de degraus de pedra limosos e estreitos que espiralava para as profundezas da terra. Desci devagar aquela escada espectral, era uma construção mais antiga que a casa, as paredes de tijolos gotejavam uma umidade pútrida e um musgo de cor amarelada e doentia crescia em alguns lugares mais escondidos da luz.

Os degraus desciam inexoravelmente por minutos a fio, enfim cheguei até seu fim e deparei-me com uma porta de bronze, esverdeada por causa da umidade e da ferrugem.

Pintado sobre sua superfície vi o símbolo de um grande olho egípcio, reconheci-o, era chamado Olho de Hórus, não dei muita importância à ele.

Abri a fechadura sem dificuldade, o cheiro insidioso e antinatural que saiu dali quase me fez desmaiar. Era como se abrisse uma cova recém fechada!

Somente a promessa do pagamento vultoso me fez continuar.

Era um grande salão retangular, o chão de lajes largas e negras e as paredes de tijolos lisos caiados de branco, com doze colunas douradas dispostas de forma retilínea em grupos de seis no cumprimento do cômodo.

Perto da porta encontrei uma estante com livros velhíssimos escritos em línguas que nunca vi. Quando folheei o primeiro se desmanchou em minhas mãos.

Uma coisa chamou minha atenção, uma estatueta à minha frente sobre a estante. Pequena, não sabia de que material, talvez metal, pois era bem pesada, colorida, representando um homem com cabeça de cão, a pele marrom, vestindo uma túnica amarela e branca com um cajado na mão direita e uma espécie de chave na esquerda, com dois olhos minúsculos e vermelhos, dois rubis magnificamente talhados.

Era uma estatueta do Deus Egípcio da Morte, vira alguns desenhos em um livro de arte uma vez no museu de São Thiago dos Ilhéus. Fiquei encantado com a pequena figura!

Sabia reconhecer uma escultura de primeira categoria e aquela me fascinou, não era à que procurava, mas quem sabe que preço alcançaria no mercado de antiguidades. Peguei a figura e a embrulhei em papel pardo guardando-a na mochila de ferramentas.

Um deslumbramento estranho enchia meu peito com uma alegria diferente de tudo o que já sentira antes. Era como se tivesse encontrado algo que perdera há muito tempo!

Olhei ao redor, as paredes tinham imagens de cenas egípcias com caracteres estranhos desenhados, eu, porém nada entendia daquela língua morta. Afinal no fim do aposento encontrei aquilo que procurava, porém o horror também foi ao meu encontro!

Havia um altar de pedra branca marcado com manchas escuras que conspurcavam sua superfície imaculada e quando vi o que representavam recuei horrorizado!

Atrás do altar havia uma figura em pedra pintada, uma estátua de um homem de pele verde, vestido com uma túnica branca, uma coroa estranha na cabeça, uma varinha e um chicote nas mãos, seus olhos eram de pedras pretas e se acenderam como fogo quando a luz de minha lanterna caiu sobre eles, foi como se ele vivesse novamente!

De cada lado do altar havia uma figura, do lado esquerdo havia uma igual à da estatueta, porém em tamanho maior que um homem, seus olhos eram vermelhos como rubis que se acenderam na luz da lanterna.

Do outro havia uma figura tenebrosa, humanoide com a cabeça de crocodilo, o ventre largo, a boca escancarada em um sorriso aterrador, os olhos verdes, esmeraldinos, fulgindo sob a luz de minha lanterna.

Na frente do altar vi uma estatueta pequena igual àquela do homem de pele verde, colocada no chão, era ela que eu queria!

Com cuidado me aproximei dela e a toquei, era de pedra fria e pesada quando a ergui. Guardei-a na mochila, escutei um som maquiavélico que veio da entrada do cômodo, corri como louco rezando para estar errado em minha suposição, não estava, a porta de bronze acabara de se fechar! Não havia fechadura pelo lado de dentro! Havia se fechado hermeticamente sobre si mesma! Não havia janelas ali, eu estava debaixo da terra.

Procurei outra saída, para meu horror encontrei num canto os esqueletos carcomidos de três outros que ali chegaram antes de mim, com horror crescente os reconheci!

O primeiro era Bertram, o dedos-leves, o segundo maior ladrão de antiguidades que conhecia, perdendo apenas para mim mesmo e para Wiesser, o fuinha. Junto dele estava o cadáver do próprio Wiesser, que reconheci pela arcada dentária de ouro cravejada de diamantes que tanto gostava de exibir.

O terceiro esqueleto, reconheci com horror abjeto que petrificou meus membros durante minutos inexoráveis, o velho que havia visto ainda dois dias atrás. O esqueleto à minha frente, porém estava morto há muitos anos!

Isto sobraçou qualquer esperança que possuíra de sair daquele lugar com vida, mas aquilo ainda não era nada para o que estava por vir.

Os esqueletos apresentavam sinais de morte violenta, tinham um buraco na cavidade do coração e onde este órgão deveria estar nada havia senão um vazio apoteótico!

Esta constatação me tirou do estupor em que me encontrava para uma realidade sacrílega e sobrenatural! Um ruído leve, um arrastar odiento vindo do fundo do cômodo.

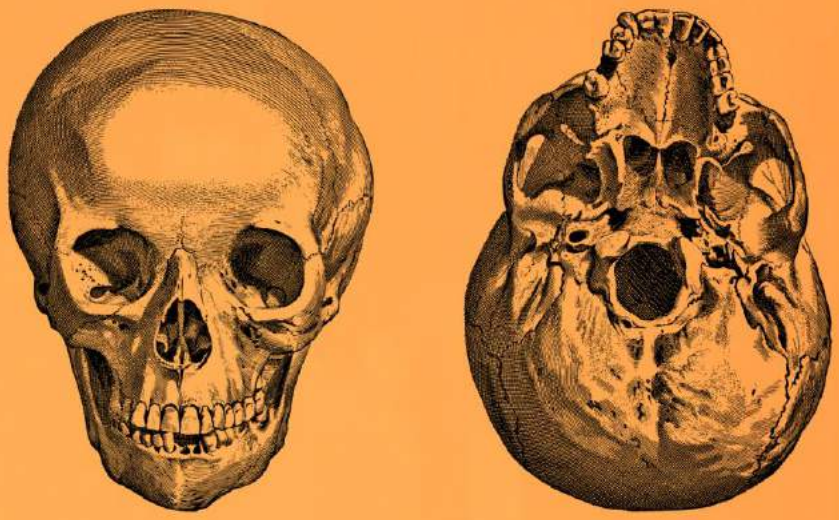
Aproximei-me com a luz da lanterna e recuei amaldiçoando a mim mesmo por ter sido ganancioso o bastante para aceitar aquele trabalho maldito.

Deuses são reais! Eu sei disso agora! Basta acreditar neles! O medo tornava possível que aquilo fosse real. O medo se alimentava do medo! Era canibal! Se for real em sua mente era real de verdade! Quando mais eu acreditava nessas palavras mais aquilo era real para mim! Todas essas palavras passaram por minha mente em confusão, eu tentava desacreditar, desfazer o que havia ali, mas sabia que isso não iria acontecer!

Aquelas estátuas estavam vivas, olhavam para mim do fundo do cômodo, com seus olhos brilhantes. Um deles desceu de seu altar. Vi ele vindo em minha direção. Sua pele marrom e a máscara negra, o longo focinho canino e as orelhas compridas, seus olhos vermelhos de rubi brilhando.

Seu corpo gingou em minha direção e vi o cajado preto em sua mão direita e aquela chave curva em sua mão esquerda. O símbolo da vida eterna brilhando como um pequeno farol em sua mão esquerda!

Não consegui correr. Não havia como fugir de minha sina! Vi se aproximar e sabia que aquele não era apenas o figurino de Anúbis. Aquele era o próprio Anúbis!



APRESENTAMOS O CONTO

BOM DEMAIS PARA SER VERDADE

Por Roberto Minadeo

Sobre o autor: Roberto Minadeo estudou Administração (USP), área em que fez Mestrado (UFRJ). Obteve seu PhD em Ciências da Engª da Produção (UFRJ). A partir de 1996, publicou obras técnicas sobre Marketing e fez traduções/revisões técnicas. Lançou diversos contos, compilados em "Sonhos Fulgurantes" – lançada em 2020 na Amazon. Link dessa obra: https://www.amazon.com.br/-dp/B088P8D8RK
Em 2021 lançou seu primeiro romance/drama "Duas Irmãs". É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, de Brasília.
Sua página profissional de escritor:
https://www.facebook.com/Roberto-Minadeo-Escritor--105594060914033/
Seu e-mail: rminadeo@gmail.com

Oliver foi comprar algo próximo à sua casa. Aos nove anos de idade, poucas vezes saía sozinho. Entretanto, por se tratar de um sábado à tarde, seus pais – cansados de uma semana de trabalho – julgaram não haver riscos em pedirem ao garoto se aventurar sozinho por uns quinhentos metros.

Viviam-se tempos difíceis na Londres do início dos anos 1930. A Recessão castigava o mundo inteiro e os pobres dos grandes centros sofriam de forma indizível: a distância em relação ao mundo rural encarecia os alimentos e tornava a vida extremamente difícil a quem padecia de qualquer momentâneo desemprego.

O pai de Oliver trabalhava em uma lavanderia não muito próxima à residência. Além de acordar cedo e de chegar tarde, fazia quase de tudo no pequeno comércio, que sobrevivia a duras penas ao prestar serviços junto a toalhas e lençóis de hospitais e de alguns poucos hotéis.

O garoto não havia conseguido uma boa escola pública nem era especialmente apaixonado pelos estudos. Em meio ao quadro geral, os pais não se preocupavam muito com isso, cientes de que seria impossível ao menino ter qualquer carreira que exigisse longos anos de estudos.

Enquanto ainda estava na loja se ouviu o barulho de uma forte explosão, que pressagiava que algo de muito ruim ocorrera. Todos se abraçaram na solidariedade que a dor imprime à gente simples e saíram à rua para ver do que se tratava. Aos primeiros passos tiveram a curiosidade superada pela total ignorância trazida pelas circunstâncias: uma enorme e negra nuvem de fumaça impedia qualquer visão. Um nauseabundo cheiro de óleo queimado cobriu a todos. Choros de crianças e abundância de latidos emolduravam o drama ao longo da vizinhança.

Martha, vizinha de Oliver, por coincidência estava na loja com os seus dois filhos, que costumavam brincar com os demais garotos da vizinhança; começou a chorar baixinho e abraçou os pequenos, que possuíam uma certeira intuição. Aliás, todos os que estavam na loja acompanharam essa dor, forte e grave, mas ainda sem nome.

Bombeiros chegaram com máscaras e começaram a trabalhar. Cerca de uma hora depois a poeira começou a baixar. As pessoas mantiveram respeitosa distância das operações de combate ao fogo e de busca das vítimas; deixou-se de chorar, pois o estoque de lágrimas já se esgotara. Um avião militar caíra na rua, destruindo várias casas, dentre as quais as de Martha – que ficou viúva. Oliver perdeu os pais e a irmã. Tudo que

estava nessas duas casas foi lambido pelo fogo. As demais residências atingidas não apresentaram vítimas.

Os políticos fizeram as clássicas vãs promessas de sempre: as pessoas que perderam as casas seriam alojadas em uma base aérea, com transporte para o trabalho ou a escola; a reconstrução seria rápida, mediante apoio de recursos públicos. Na vida real, tiveram que morar com amigos e parentes – que lhes proporcionaram as roupas e objetos mais básicos.

Martha não teve tempo para chorar a viuvez, passou a cuidar de Oliver; afinal, onde falta quase tudo para três pessoas, um a mais nunca atrapalha e passa a faltar quase tudo para quatro pessoas. O menino percebeu que fora aceito em meio à carência mais absoluta. Assim, da mesma forma, nunca parou para se lamentar de nada, e, pelo contrário, cresceu e foi educado na escola em que se agradecia até mesmo uma simples fatia de pão com manteiga.

Ela deu entrada na papelada para adotá-lo e evitar que fosse parar com estranhos. Todavia, o mais importante foi fazer de tudo para que jamais sentisse falta da família perdida. A mais absoluta privação ajudou: seus filhos ficaram sem nenhum brinquedo nem livro, então, em momento algum o adotivo foi visto como um intruso usurpador. Nunca brigaram. É melhor três irmãos dividirem migalhas alegremente do que disputarem a posse de um montão de trastes inúteis.

Os habitantes do bairro se revezaram em finais de semana de trabalho, vieram doações de tijolos e de cimento, e as casas foram reconstruídas. Todos sabiam que Martha precisava sustentar sozinha os seus dois filhos e mais o adotivo. Então fizeram vista grossa ao fato de “a casa do Oliver” ter sido alugada para reforçar o parco orçamento familiar.

Todavia, Martha pertencia à velha geração, sendo a recíproca verdadeira: o mundo ainda não admitia plenamente o trabalho feminino, ela morava longe e tinha três filhos para cuidar. A solução encontrada para o sustento familiar foi a de tantos lares da época, nos quais as crianças desde cedo trabalhavam. Os três meninos, sadios e com grande engenhosidade, não tiveram problemas em enfrentar tal tarefa – auxiliados pelo modesto rendimento da casinha alugada.

O tempo passou e ajudou a cicatrizar as dores. Para orgulho de Martha, seus dois meninos entraram na Academia da Força Aérea. Oliver, antevendo algum possível

desgosto da mãe adotiva, em função de ter seus filhos voando na Segunda Guerra, iniciou uma carreira em uma grande firma britânica.

Todavia, ocorreu algo incrível: em uma das malditas batalhas aéreas de defesa da Inglaterra. Oliver – em uma ocasião em que estava no País de Gales a trabalho – ficou sabendo que veio a perdeu seus dois irmãos adotivos. Enviou um telegrama de condolências à mãe adotiva, avisando que, infelizmente, apenas poderia retornar após uma semana.

Ao chegar à casa, estava fortemente desejoso de saudar a mãe com um abraço bem apertado, de dizer que ficaria sempre ao seu lado, que tomaria conta dela e que nada viria a faltar. Surpreendeu-se: não havia ninguém. Deu-se a casualidade de ser um horário de meio de tarde. Levou em consideração que seria inútil informar-se junto aos vizinhos, que estariam todos em seus locais de trabalho. Assim, Oliver decidiu ir ao cemitério para prestar as devidas homenagens aos irmãos.

Apenas recebera a indicação do cemitério em que estavam seus irmãos, no mesmo telegrama oficial, encaminhado a ele pela Força Aérea, que o informara do triste acidente, e de como sua família deveria estar orgulhosa por contar com “dois heróis”. Ao chegar lá, informou-se para saber a localização dos túmulos.

De início, cumpriu seus deveres. Porém, estava cansado e sem concentração, de modo que veio a se surpreender: havia um túmulo bastante gasto, ao lado de onde se encontravam os irmãos, dedicado a ninguém menos que à pobre mãe adotiva! Sim, Martha se encontrava lá, não havia dúvida, o nome e sobrenome eram os mesmos.

Aterrorizado, Oliver procurou pela data do falecimento da “mãe adotiva”, de quem se despedira cerca de dez dias atrás. Sim, o terror cresceu ao se aperceber que fora o mesmo maldito dia em que caíra o avião sobre sua casa e o deixara órfão e que também levara o pai de seus irmãos adotivos.

Sem entender o que sucedia, procurou o pessoal do cemitério, que certificou com a maior tranquilidade os fatos atestados nas duras lápides funerárias. Pelo fato de estar no início de uma carreira de executivo, no difícil e árduo mundo dos negócios, Oliver percebeu que nada mais poderia saber aqui, no terreno dos mortos.

Cada vez mais confuso, Oliver chegou à casa. Nada de sua mãe adotiva. Foi à busca dos vizinhos para conversar. Procurou sondar o terreno, para evitar ser tido por louco. Todos confirmaram o recente acidente, e os que puderam foram ao enterro. Não se fez difícil a tarefa de esperar pela realidade, aos poucos as pessoas disseram:

— Deve ser muito difícil a sua situação, perder os pais com a queda de um avião em sua casa, depois perder os irmãos adotivos também em acidentes aéreos...

Ninguém abordava a eventualidade da mãe adotiva. Oliver foi à loja na qual se salvara, enquanto os seus pais haviam sido atingidos pela maldita besta celeste. Perguntou aos balconistas:

— Estou um pouco deprimido com mais esta perda, espero que vocês compreendam. Como eu era muito novo, não me recordo se naquele dia eu estava sozinho, ou junto com os irmãos adotivos...

— Entendemos perfeitamente, você só tinha nove ou dez anos de idade. Aqui, por coincidência, estavam seus irmãos adotivos. O avião caiu sobre sua casa e a deles, matando seus pais e os deles.

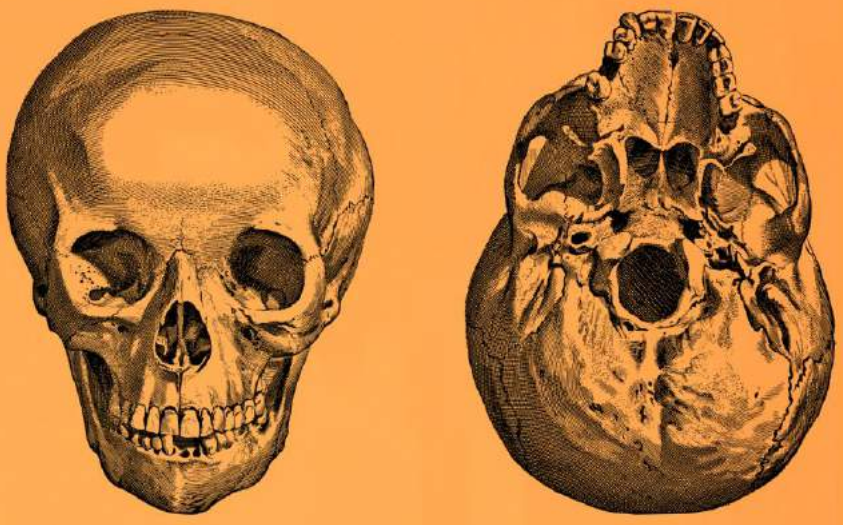
Voltou para casa confuso. Foi à busca das fotografias que haviam marcado estes anos felizes. Conseguia se lembrar da família em uma visita à Torre de Londres; de outra ocasião, quando os irmãos ingressaram na Academia. Haviam sido momentos transcorridos ao lado da mãe adotiva, jamais duvidara disso.

Todavia, a cada fotografia remexida, maior era o calafrio que sentia percorrer sua espinha de alto a baixo: em nenhum momento a mãe adotiva, Martha, estava presente. Foi à busca do documento de adoção, ficou surpreso ao ver que era uma petição jamais assinada nem reconhecida: ele, Oliver, era um órfão, jamais tendo sido adotado. Foi revirar os recibos dos aluguéis da “sua casa”.

Oliver quase desmaiou ao constatar que os aluguéis sempre haviam sido pagos religiosamente em dia, inclusive nos meses anteriores. Não havia recibos. Na qualidade de jovem executivo, foi conferenciar com o inquilino, que disse para não se preocupar com essas “formalidades”, pois o bairro todo sabia da situação, que ajudava a cuidar de três órfãos, e que não haveria autoridade tão cruel a ponto de “atrapalhar as coisas”.

Frascos de perfumes ou de quaisquer cosméticos, livros de receitas, costuras feitas nas roupas suas ou nas de seus irmãos, tudo foi revirado. Nada, absolutamente nada, denotava o menor sinal da existência de mãos femininas. A prova mais forte e cruel: as cartas e os cartões postais dos irmãos adotivos, encaminhados durante a época em que estiveram na Academia, traziam apenas palavras a ele dirigidas. Ora, nosso futuro executivo percebeu que seria simplesmente impensável que seus irmãos adotivos estudassem durante anos, fossem o “orgulho da mãe”, e que jamais a ela se dirigissem.

Desesperado, Oliver se deu conta de algo terrível e que jamais poderia compartilhar com ninguém, por duas razões. A primeira delas foi imediatamente captada pelo nosso executivo em início de carreira: ninguém acreditaria. A segunda: tratava-se de um segredo, de um misterioso segredo de sua família, algo por demais íntimo para ser compartilhado junto a ouvidos estranhos.



APRESENTAMOS O CONTO

SAKKAKU

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônymo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pela história "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de cerca de setenta antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

A luz era forte, tão forte!

Quanto tempo fazia que não sentia algo assim a ferir as pálpebras? Tempo era uma palavra importante, uma palavra-chave, aliás. E quanto as pálpebras... Por que ele não conseguia piscar?

A visão levou algum tempo para se acostumar, focalizar e tornar nítido aquilo que havia diante de si. E o que viu foi uma cabeça de metal reluzente e prateada. Ela se moveu para mais perto de si. E falou.

— Sou o Dr. Atama. Seja bem-vindo do reino dos mortos, Sr. Sakkaku.

Sakkaku entrou em choque e não foi tanto pela visão do médico, mas do que viu refletido naquela carranca de metal. Deveria ser o seu próprio rosto, seu reflexo, no entanto, lá estava outra face prateada, semelhante à do médico que o examinava.

— Pálpebras — balbuciou. — Minhas pálpebras...

Quando tornou a voltar a si, estava tudo escuro. Escutou:

— Sr. Sakkaku, aqui é o Dr. Atama outra vez. Devo me desculpar. Não podia imaginar os efeitos que o seu retorno à vida causariam. Seu caso é inédito neste hospital. Ademais, psicologia não é o meu forte, ainda mais psicologia antiga...

— Minha visão?

— Está momentaneamente desativada. Devia tê-lo feito antes. Inicialmente, farei algumas perguntas a fim de avaliar o estado de sua mente. Posso começar?

— Sim, dou-lhe permissão.

— Quais são suas últimas lembranças?

Houve um minuto de silêncio, enquanto o paciente pensava. Então, o Sr. Sakkaku recomeçou a falar. Foi quando se deu conta de que não reconhecia a própria voz.

— E... e... eu sou rico, muito rico, um milionário no ramo da indústria de componentes eletrônicos. Sou poderoso, influente e respeitado. Resido em Tóquio. Estou com cinquenta e dois anos. Tenho esposa, dois filhos, uma netinha... Fui acometido por uma doença grave; fatal, disseram os médicos. Não me deram seis meses de vida... Aqueles idiotas! Não sabiam de nada. Eu não podia morrer! Eu...

— Vá com calma, agora, Sr. Sakkaku — disse o Dr. Atama na escuridão. — Prossiga.

— Eu não seria vencido. Conversei com minha família e convenci-os a, tão logo eu morresse, levarem o meu corpo a uma empresa de criogenia. Seria congelado para que eu

fosse despertado no futuro, quando a medicina tivesse evoluído o suficiente a ponto de curar minha enfermidade... Eu estava certo.

O rosto de metal do médico não possuía expressão, porém, deixou-se trair pelo tom de sua voz.

— Sim e não, Sr. Sakkaku. Somente o seu cérebro pôde ser recuperado. O restante precisou ser descartado pelos arqueólogos. Como percebeu, seu corpo foi substituído por outro artificial, de um autômato. Não foi um procedimento cirúrgico comum em nossa época atual, mas não estará sozinho.

Uma palavra em particular chamou a atenção do Sr. Sakkaku.

— "Arqueólogos"? Como assim?

— Vou reativar a sua visão... Mantenha-se calmo. Pronto. Agora, posso responder-lhe, por assim dizer, olhos nos olhos.

Lá estava o médico. Enxergava-o por inteiro agora. Usava um jaleco branco, mas sua cabeça e seus membros eram visíveis. Era todo prateado. Lembrava um robô de filmes antigos de ficção científica. Havia outros como ele ao redor, realizando suas tarefas. O quarto era imaculadamente branco. Era o único paciente, embora existissem mais leitos.

O Sol penetrava pela vidraça. O céu era de um azul puríssimo. Todavia, o que mais chamou a sua atenção foram as nuvens. Estavam por toda parte, mais abaixo. E era tudo o que via lá de fora, nuvens e mais nuvens.

— Sr. Sakkaku — chamou sua atenção o Dr. Atama —, o centro criogênico não existe há séculos. Sua cápsula sobreviveu por conta de potentes baterias solares... Tóquio não existe mais. Tampouco o Japão enquanto Estado independente. Muita coisa mudou depois dos conflitos. Fazemos parte da Confederação Asiática. Estamos em uma cidade flutuante. Somos regidos pela inteligência artificial RN 3455-BRTB...

Se tivesse testa, o Sr. Sakkaku a teria franzido.

— "Confederação"? "Cidade flutuante"? "Conflitos"? Quanto tempo eu...

— Seu cérebro foi preservado por meio milênio.

O paciente levantou o tronco de prata até conseguir se sentar. Observou pela primeira vez suas mãos. Não eram suas mãos. As mãos e os braços de seu corpo artificial.

— Calma, Sr. Sakkaku. Enfermeira!

Somente os contornos permitiriam dizer tratar-se de uma mulher.

— Quinhentos anos? Estou calmo... Solte-me! E minhas finanças? E minha família? Deixei-lhes ordens para que, quando chegasse o tempo deles, fizessem o mesmo.

A contragosto, forçaram-no a se deitar novamente. O médico falou:

— Pelo que pudemos averiguar no que sobrou dos registros do centro criogênico, não havia ninguém de sua família. Ainda que houvesse, as cápsulas estariam destruídas. Localizamos pistas deles em nossos arquivos históricos. Levaram suas vidas normais, morreram e foram cremados. Não localizamos descendentes atuais. De sua fortuna, não lhe resta mais nada.

Embora em outros tempos fosse um homem de negócios acostumado a pressões, recebeu mais informações impactantes do que poderia suportar. Não era como planejara. Decidira por um futuro ao lado dos seus. Recordou-se da esposa. Para ele, foi ontem que ela estava ao seu lado, confortando-o. Sabia que ela achava a criogenia uma afronta aos olhos de Deus. Só não supôs que ela deixaria de cumprir o que ele mandara. E os filhos. Tudo e todos que conhecera não passavam de poeira.

— Além de mim, de você e seus enfermeiros, quantos mais há como nós?

— "Como nós", Sr. Sakkaku? Oh, perdoe-me se não me fiz compreender. Há outras pessoas cuja maior parte do corpo foi substituída por próteses. Não é o nosso caso. Ao contrário do senhor — não obstante eu seja um protótipo avançado —, não somos humanos.

Todos os autômatos viraram-se simultaneamente e encararam o paciente.

Se tivesse olhos, o Sr. Sakkaku os teria arregalado. Nas horas seguintes, refletiu.

"Em meu egoísmo e arrogância, atrevi-me a pensar estar acima do tempo e da morte. Consegui meu objetivo: fui ressuscitado. Mas a que preço? Não tenho nada e ninguém, sequer a minha humanidade, preso a esta aberração metálica. Meu país não é mais o mesmo. Nada é como antes. Nesta época, não passo de uma curiosidade anacrônica cujos conhecimentos são inúteis, ultrapassados. Um monstro a ser exposto na vitrine de um museu ou zoológico. Terão zoológicos por aqui? Fui um déspota nos negócios. Meus funcionários me odiavam, mas tinham de se curvar. Em minha presunção de imortalidade, esse é o castigo. Estou só, perdidamente só entre robôs. E só há um caminho a seguir."

— Desative-me, Dr. Atama. Fui um tolo em querer sobreviver além de minha época. Minha mulher tinha razão. Meu tempo acabou há quinhentos anos.

— Tem certeza? Há tanto o que gostaríamos de saber. O senhor se lembra de algo no intervalo entre a sua morte e o seu atual despertar?

— Não. Nada de imagens do além-vida se é o que deseja saber. Nada de céu ou inferno. Apenas o vazio de um sono que, para mim, durou um instante.

O autômato médico balançou sua cabeça de metal, decepcionado.

— Se é o que deseja, a sua vontade será feita. Porém, peço-lhe permissão para preservar o cérebro por razões históricas e científicas, em vez de incinerá-lo.

— Faça o que quiser. Só quero me juntar a minha família e meus ancestrais.

Assim foi feito. O cérebro foi separado do corpo artificial e imerso em um fluído transparente que se solidificou, podendo permanecer intacto indefinidamente. Ficou exposto no saguão do hospital como uma curiosidade para humanos e não humanos.

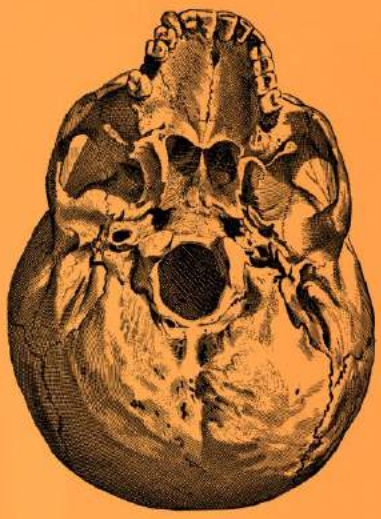
Contudo, ao contrário do que o Sr. Sakkaku desejava, sua consciência não pereceu. De algum modo, continuou viva no interior do cérebro, entre neurônios e descargas elétricas. Sem ter acesso aos sentidos da visão, paladar, olfato, audição e tato, era como se flutuasse em um universo sem tempo e espaço, cujo vácuo superava aquele existente entre as estrelas, pois não havia estrelas, nem cometas ou planetas. Não havia frio ou calor. Não havia família. Não havia Deus. Não havia vida e, tampouco, morte. Somente o nada, o extremo e absoluto nada de uma consciência que jamais encontraria descanso, a pensar, pensar e pensar, sem nenhuma resposta obter e nenhum consolo a paz lhe trazer.

Quis gritar sem poder.

Quis chorar, sem lágrimas.

Quis morrer sem saber como.

Em vida, o Sr. Sakkaku havia sido um homem ambicioso, cruel e implacável, que nada temia e aos adversários e subalternos desprezava. Agora, diante de si e de seus pecados, tudo o que conseguiu vislumbrar foi a eternidade e o horror de seu desespero.



APRESENTAMOS O CONTO

A INDIGENTE DO NECROTÉRIO

Por Vicky F. Moravia

Sobre a autora: Vicky F. Moravia escreve contos e poesias, participou da antologia O legado de Bram Stoker-Contos e Poemas vampiricos, publicado pela revista Conexão literatura. Para saber mais sobre suas publicações no perfil de Instagram: @vickyf.moravia

O barulho do celular tocando interrompe o sono de Doutor C., já era a terceira ligação perdida do necrotério onde trabalhava, deveria se dirigir a morgue imediatamente para realizar uma autópsia. Ao chegar ao local, havia apenas o vigilante no prédio. Doutor C. subiu as escadas até o terceiro andar, antes de entrar na sala onde os corpos ficavam, recebeu uma mensagem do funcionário que iria auxiliá-lo informando que, naquela madrugada, iria se atrasar por cerca de uma hora. Porcaria, uma hora de sono perdida, pensou ele.

Pegou o prontuário e começou a ler, indivíduo sem identificação, aproximadamente vinte e cinco anos, sexo feminino, encontrada sem vida às margens do Lago Jess, sem sinais de afogamento. Doutor C., então, resolveu tirar a manta cadavérica que cobria o corpo. Por alguns minutos, ficou observando a mulher nua, realmente sem nenhum indício de violência ou algo que sugerisse a causa da morte. Naquele corpo, não havia um corte, arranhão ou mancha roxa, apenas a pele branca o recobria.

Instantaneamente, sente vontade de tocar os fios do cabelo macio da moça esbranquiçada e indefesa. Sem pensar em biossegurança, toca e cheira instintivamente, sem luvas ou máscara, os longos cabelos loiros. Segue tateando o rosto, percebendo o quanto a pele era lisa, aveludada e macia, sem cravos ou espinhas. Não fosse o fato de estar pálida, teria certeza de que ela estava viva.

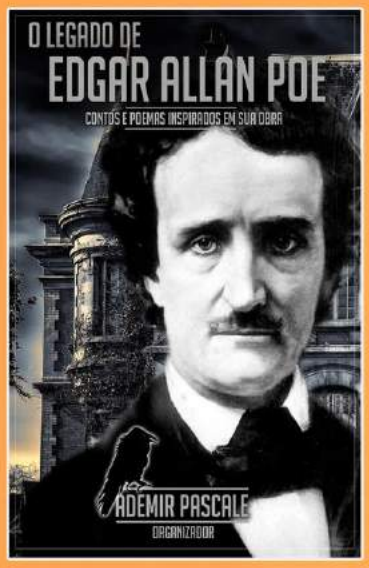
Acreditava que passar a mão até o pescoço era um limite aceitável, mas ele queria mais. Apalpou, então, os pequenos e firmes seios, abocanhou os mamilos rosados com sua boca que salivava de desejo. Doutor C. sentia que precisava possuí-la, um desejo incontrolável estremecia seu corpo, chegou à conclusão de que estava praticamente sozinho no prédio, o vigilante não tinha permissão para sair da portaria, seu auxiliar iria demorar para chegar. — Serei rápido, ninguém jamais saberá que isso aconteceu, quando terminar, será como se nada tivesse ocorrido. — Conversava sozinho enquanto tirava os sapatos e abria o zíper da calça.

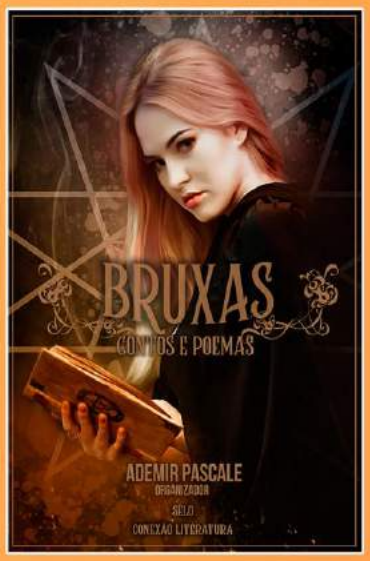
Ele sobe na maca, fica por cima do corpo e cheira lentamente os resquícios de perfume que ainda existiam em sua pele e que começavam a se misturar com os odores da decomposição. Era um ato estranho, mas muito prazeroso., Doutor C. urrava de prazer por estar possuindo uma mulher como aquela, tão inerte e veludosa. Aquele era o ato mais erótico de sua vida, sentia toda a umidade e o aperto das partes íntimas da indigente enquanto beijava os lábios gelados e sem vida.

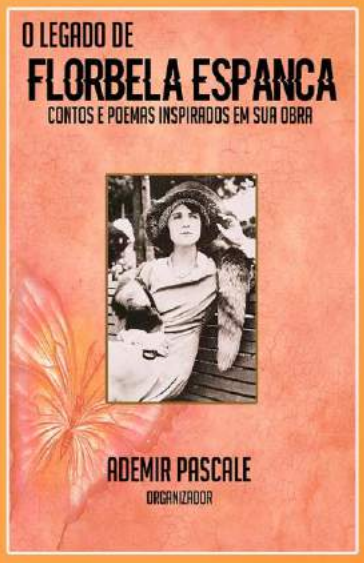
O aperto vai aumentando e aumentando como se todo seu corpo estivesse sendo destroçado pelo abraço de uma sucuri. Doutor C. arregala os olhos assustado e, com a respiração ofegante, a primeira imagem que vê é um par de olhos azuis olhando fixamente para ele. Imediatamente, ela tascou uma mordida feroz no lábio superior dele e o fez sangrar abundantemente. A então defunta ri, maliciosamente, com a boca ensanguentada.

Assustado, ele tenta instintivamente sair de cima dela, mas o aperto, antes tão prazeroso da moça, agora, impedia seu membro de sair de dentro dela, causando imensa dor. Doutor C. se debate, grita desesperadamente até conseguir se afastar, e, de repente, abre os olhos. Acorda aflito em seu quarto, olha o relógio, conseguiu dormir vinte minutos, tomou um sedativo e uma dose de uísque. Os olhos fundos e as olheiras denunciavam sua rotina noturna em que esse pesadelo o atormentava indefinidamente.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO







BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI